

X SIMPÓSIO

09/11/2012

As Múltiplas Faces de Eros

ABERTURA

Profª. Dra. Denise Gimenez Ramos

Boa tarde a todos, é com muito prazer que eu os cumprimento. Uma plateia cada vez mais estimulante, lotada, mostrando grande interesse pela Psicologia Junguiana. Hoje teremos uma tarde com certeza excelente pela qualidade dos palestrantes e pelos temas que eles escolheram para nos ofertar. Estamos abrindo o X Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Pós Graduação de Psicologia Clínica aqui da PUC, um programa que atende alunos em seus mestrados e doutorados. Aconselho a todos os interessados nas palestras e nos eventos passados, que acessem o site do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC. Nesse site tem transcrições literais de eventos que já aconteceram aqui.

É com muito prazer que apresento a primeira palestrante da tarde, a professora Dra. Liliana Liviano Wahba, que é uma das fundadoras do núcleo de estudos Junguianos. O núcleo é composto pela Profa. Dra. Ceres Araújo, o professor Dr. Durval de Faria, uma equipe de quatro professores neste núcleo.

A professora Liliana é psicóloga, dra. em Psicologia Clínica pela PUC, professora do núcleo, membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, instituição da qual ela foi presidente por dois mandatos. Ela atua no tratamento e prevenção psicológica com ênfase no desenvolvimento humano e na criatividade, trabalha principalmente os temas como psicoterapia, educação médica, psicologia da arte e cultura. Liliana tem publicado sobre criatividade e individuação, criatividade e saúde. É diretora de Psicologia da Associação Ser em Cena, teatro para afásicos. Vocês têm na sua pasta um convite para uma peça deste teatro de afásico, extremamente interessante. É com muito prazer que eu cedo a palavra para a professora Liliana que irá falar sobre “Amores Urbanos”. Muito obrigada Liliana.

AMORES URBANOS

Profa. Dra. Liliana Liviano Wahba

Obrigada Denise. É um prazer estar com vocês aqui, com a casa cheia, espero que tenhamos uma ótima e proveitosa tarde com os professores convidados.

Sobre Eros, temos um especialista aqui, o Prof Viktor Sales, eu irei apenas dar uma menção que Eros em Hesíodo nasceu de Caos, junto com Geia e Tártaro. Há de se notar que Caos é

entendido como desordem, mas originalmente ele tem um significado de abertura. Kairós significa escancarar.

Para os órficos, Caos e Nyx (a noite) dão a origem ao mundo e de Nyx sai o ovo cósmico do qual nasce Eros. Como bem mostrava Freud - e Jung diferindo em parte, mas sem negar a pujança de eros - ali está a importância fundamental para a criação da nossa psique: Eros.

Em Platão, no Banquete, Eros é filho de Poros, que é o espírito alerta da procura, da penetração empírica, e de Penia que representa a falta, o vazio. Mas não é só a pobreza, ainda que saibamos que o amor é pobre. Penia significa o indeterminado, uma ausência de determinação. É assim que o filósofo via o amor.

Uma menção rápida ao contexto moderno já que estamos falando sobre amores urbanos. Zygmunt Bauman declara no livro *Amores Líquidos* que vai escrever sobre a ansiedade de estar junto e separado no mundo líquido moderno onde quase nada é sólido e durável.

Retrata as relações de momento, provisórias e descartáveis, que trazem uma grande insegurança existencial apesar do consumismo gratificante. Essa insegurança, acho importante enfatizar, Bauman já nos assinala, vai gerar uma irracionalidade e, assim como na psicologia, observa-se a radicalização de opostos como: submissão e poder, aceitação humilde ou conquista arrogante. O sexo puro - outra nomenclatura - , ao mesmo tempo que traz muito prazer e hedonismo, traz uma insatisfação existencial ocasionando a procura de sensações novas e inéditas cada vez mais.

Temos Michel Maffesoli, em *Sobre o Nomadismo*, com uma visão um pouco diferente, em que destaca o significado da errância e da riqueza desse hedonismo relativista, a partir do qual se pode ter gozos compartilhados. Ele acha que nós temos uma nova sociedade neo tribal que se caracteriza pela fluidez, então aqui já podemos contrapor a liquidez com a fluidez, com significados um pouco diversos. Nas grandes cidades, liquidez e fluidez caracterizam essa enorme circulação das megalópoles.

Na USP José Guilherme Magnani, um sociólogo com pesquisas atuais, de ponta, se assemelha um pouco a Maffesoli quando mostra as tribos e as ilhas de convívio, ou seja, a dinâmica urbana sobrepõe toda a frieza, o isolamento, porque as pessoas naturalmente não têm aquela pracinha, o coreto, mas elas se encontram em seus lugares de circulação e de convívio.

Vamos lembrar que em 1983 Gilles Lipovetsky escreveu *A Era do Vazio*, já adiantando a superficialidade, o consumismo, o indivíduo narcisista (eu vou falar sobre o indivíduo narcisista nas relações), as adições, mas em 2004, pondera que nos tempos hipermodernos há uma nova individualidade. Uma individualidade partilhada, responsável, conciliadora. Ainda há um hedonismo, mas a pessoa não se deixa encantar tanto pela sedução e quer consumir com mais qualidade.

O tema do narcisismo tem sua vertente salutar, no desenvolvimento, e o desajustada e social. Jung não deu atenção especificamente a esse tema, ele falava mais da persona. Schwartz Salant, e Mario Jacoby descreveram no meio junguiano esse self grandioso da personalidade narcísica que teme a humilhação, e sucumbe à raiva narcísica. Já, socialmente, quem começou a escrever antes de Lipovetsky sobre a sociedade narcisista foi Christopher Lasch, um historiador, em 1979, *A Cultura do Narcisismo*. Lipovetsky escreve *A Era do Vazio* em 1983, reforçando as observações de Lasch.

Segue um trecho de Lasch, tão atual: "o crescimento e o desenvolvimento pessoais se tornaram tão árduos de serem atingidos, um temor de amadurecer e se ficar velho persegue nossa sociedade. As relações pessoais se tornaram tão instáveis e precárias, a vida interior não mais oferece qualquer refúgio para os perigos que nos envolvem." Segundo ele, com a queda dos ideais dos anos 60 surge o narcisista do nosso tempo, o medo da intimidade, a hipocondria, a promiscuidade sexual, o horror à velhice e à morte. Já destacava o fascínio pela celebridade e a ética da sobrevivência. Alguns autores veem que esse tipo de comportamento narcísico seria uma defesa contra incursões agressivas.

Após essa breve introdução, passo à apresentação propriamente dita. Selecionei algumas imagens de grafite de rua, com alguns relatos de casos clínicos e da literatura, agrupando algumas características de relacionamentos de casais. Vou me referir somente a casais heterossexuais para delimitar a nossa conversa.

Narciso e Eco

No livro de Ovídio, *As Metamorfoses*, Narciso significa narkiston, filho de Naia, que é uma ninfa das águas, Liríope, e de Cefiso, o rio. Cefiso violenta Liríope. (A violentação, o rapto na mitologia grega é muito comum, mas psicologicamente já nos traz algo a pensar. Narciso, narcisismo nasce de uma violência) A Ninfa Eco que persegue Narciso é castigada por Hera porque ela fofocava demais e acobertava Zeus, e a transforma em rocha. Psicologicamente, essa transformação em rocha representa, em parte, a sedução como um torpor que ocorre frequentemente ligada a dependências em personalidades chamadas narcísicas - aqui o narcisismo será usado como uma descrição de tendências, de um comportamento, não necessariamente de psicopatologia como nas clássicas personalidades narcísicas ou na personalidade borderline. De modo que o sexo é usado como um escape. Quem se apaixona por uma pessoa com esses traços pode viver intensamente - porque elas costumam ser extremamente sedutoras -, o que parece um grande amor, uma grande paixão e depois ser esquecido sem nenhuma consideração ou empatia. O sofrimento de quem fica é enorme porque se sente enganado. O sofrimento de quem perpetua tal atitude dá-se de outro modo.

Dom Juanismo

Começamos com o Dom Juanismo, o conquistador. É fixado na sedução e sempre procura novos estímulos. Neumann nos mostrou muito bem esse tema em o *Medo do Feminino*, o que acontece com o homem que teme a mulher: divide-a, ou a idealiza ou a diminui. Um paciente sonhava o seguinte - ele era um Dom Juan, tinha alguns relacionamentos estáveis, era casado, jovem, muito inteligente e bem sucedido, mas para ele o jogo da conquista era hiperativo, tinha que se sentir conquistando como um jogo; era um jogo para ser esperto, segundo ele. Em um dos sonhos ele estava em um esqui muito rápido em uma montanha e no gelo havia caveiras, ou seja, a morte, a caveira. O que estava deixando para trás com essa dificuldade amorosa?

Vejamos este grafite. Aqui a figura feminina, eventualmente, se apaixonou pelo homem que aparenta um Dom Juan. Mas as leituras são múltiplas, eu não quero dizer que o grafiteiro quis mostrar isso. O grafiteiro mostra o que ele quer, o que ele pensa ou intui, e nós recebemos com o nosso imaginário.

Carmenismo

Mas como seria o Dom Juanismo na mulher? Poderíamos chamá-lo de Carmenismo? Carmen, também da Espanha, sedutora, erotizada, mas culturalmente, ele, Dom Juan, é visto como conquistador. Ela é vista como perversa. Não se fixa, precisa de novas conquistas, do mesmo modo como Dom Juan. Pode ter grande insegurança afetiva porque não se entrega. Há uma paciente que precisava estar sempre apaixonada; uma adição ao amor. Gostava de conquistar e depois perdia o interesse. Tinha alguns namoros mais estáveis, mas com fugas para outros. Ela se sentia com força, e dizia que era como aquele personagem rápidos dos filmes orientais. Claro que existem complexos familiares, parentais, que estão aí subjazendo esse comportamento; era uma pessoa que não era francamente borderline, mas havia alguns traços desse transtorno, tinha um problema de adição grave que ela não admitia; demorou muito para relatar que tinha uma adição, a maconha, que hoje em dia é pesquisada mais a fundo. Nos seus sonhos havia mortes e desastres naturais. As caveiras e as mortes em alguns de nossos grandes conquistadores.

Turandorismo

O outro comportamento eu chamei de Turandorismo. Turandot, a mulher que conquista e que é emocionalmente fria. Não é mais a sedutora apaixonada, mas a sedutora fria, que decapita. Mas vejam bem, na ópera de Puccini há um trauma.

Como começa Turandot? A princesa da China foi estuprada e assassinada quando os tártaros invadiram e conquistaram a China. Então, Turandot, que é a princesa atual, propõe sempre charadas impossíveis aos seus pretendentes, e quem não responde será morto. Eis que aparece um príncipe desconhecido, que é filho do Rei Tártaro; ela não sabe. É curioso, pensando no trauma, ser ele o descendente de quem assassinou. E ele precisa responder três enigmas. A primeira resposta vai ser a esperança, a segunda, o sangue. E a terceira, para a pergunta, qual é o seu segredo que te faz pegar fogo? Ele, muito esperto e apaixonado, responde: Turandot. Mesmo assim ela não o quer, e ele oferece mais uma chance para ser salvo, que ela adivinhasse seu nome; finalmente declara chamar-se Calaf, ao que ela replica: “não, você chama amor”. Ou seja, a salvação vem pelo amor. Lembremos que em “Estudo de um processo de individuação”, de Jung, do volume 9, a primeira cena é uma mulher que está segurando as rochas, tem um complexo materno e estava aprisionada e enrijecida.

O ecoísmo

O que é o ecoísmo? É uma facilidade de esperar que o outro ame. Quando na mulher, esta admira o parceiro e não vê qualidade em si mesma. Tanto em um quanto em outro tem uma baixa autoestima, certamente. A grandiosidade do narcisista é uma compensação de uma insegurança. Mas um mostra a onipotência e o outro mostra a impotência. Devido a nossa sociedade patriarcal - que queremos crer esteja caminhando para a alteridade, mas ainda bastante patriarcal -, ocorre mais o ecoísmo na mulher, mas também se dá nos homens. Ela - ou ele - não tem voz própria e é passiva. Vejam, como uma rocha inerte, só que a rocha tem uma qualidade de dureza que também se pode perceber em pacientes que mostram essas características. Imensa vulnerabilidade e um grau de dureza.

Uma paciente temia mais do que nada a solidão, então tinha que fazer o que o outro desejava. Temia ser esquecida, resquício de relações primais, de um encantamento pelo pai que tinha uma relação muito intensa com ela, mas ao mesmo tempo que era tão intensa, imediatamente a deixava de lado. Ela ficava muito perturbada quando criança: quem era esse pai tão apaixonado e que depois a esquecia e ela não existia mais? No relacionamento, ela manifestava um sintoma intestinal e gástrico quando percebia um buraco no estômago e uma tristeza. Precisava ser tratada medicalmente e simbolicamente também.

Falemos da dureza. O sentimento de rejeição traz na mulher, junto a certo ecoísmo, uma necessidade de vingança, em que ela se torna dura pela vingança. Por exemplo, uma mulher casada não perdoava o marido pela humilhação sentida nos primeiros anos. Na realidade tinha sido humilhada na infância e projetava essa humilhação nele. Então se tornou fria e sexualmente inerte, mas tinha amantes: a vingança.

Ou aparece como dureza e orgulho. A dureza para não ser humilhada, como na mulher que não consegue abrandar porque não admite ser um capacho e depois ignorada. Difícil diferenciar a flexibilidade e o abrandar do ceder. O lema parecia ser o seguinte: a possível rejeitada é mais vitoriosa do que a rejeitada. De modo que encontramos na clínica as pessoas que estão em guarda perante a possibilidade da rejeição para se proteger da rejeição. O outro aspecto é a mágoa. Uma paciente queixa-se que o companheiro não lhe dá atenção e ela faz tudo por ele. Uma metáfora que surgiu é: o amado vai abrir a prisão do lado de fora, é assim que ela vê. No entanto, tem um ferrolho do lado de dentro enferrujado pela mágoa.

Dependentes

Nesse grupo teria uma escala: o dependente protetor, o possessivo controlador, o submisso fusional e a variante do sadomasoquismo. Irei esboçar rapidamente essas variantes. Num site do Amauri Mendes de Araújo Junior, um sexólogo, que está na internet, uma das perguntas é: “qual é a posição que eles mais gostam?” E a resposta é a seguinte: “o homem prefere todas as posições que dão a ideia de domínio sobre a parceira e a preferida é com ela de quatro. Apesar de não ser a posição ideal para a mulher, pois não favorece o orgasmo, o imaginário feminino pode ser aguçado pela imaginação de total entrega e confiança no parceiro”. Novamente, o aspecto cultural de papéis atribuídos a homens e mulheres. Interagem os polos poder e insegurança, o troféu - o ganho significa o outro como um troféu -, o status e o prestígio. O dependente, em última instância, estaria fundamentado no apego inseguro de Bowlby.

Controlador/a - submisso/a

Em uma primeira variante vemos o/a controlador(a) e o/a submisso(a). Um exemplo: uma mulher que veio na análise após muitos anos de casamento, muito dependente do marido, até financeiramente, ele extremamente controlador e ela com um sentimento de humilhação, já que ele fazia questão de humilhá-la porque tinha o poder. Na infância ela também se sentia desprezada pelo pai. Foi elaborando a dependência e autoestima e conseguiu uma solução mais adaptada de acordo com suas necessidades e valoração pessoal. Dostoiévsky escreveu um romance, uma novela curta chamada *A Dócil*. Mostra bem esse machismo patriarcal, essa dureza e como chega a uma fatalidade, e só depois da fatalidade o personagem conscientiza algo e se arrepende do amor que não deu.

Mas também acontece com a mulher dominando o homem. Um exemplo: um casal na faixa dos 30, ela muito controladora e exigente, o humilha constantemente, de modo até cruel; aqui a castração entra com toda a força do conceito, e acentua o sentimento de inferioridade dele,

que não consegue se rebelar porque sente uma culpa de ter se achado fracassado perante o pai idealizado. Leva anos para se libertar e felizmente consegue. Nesse tema do controlador e o do submisso os componentes do ciúme e da traição estão presentes.

A insegurança, a inferioridade, fazem parte do ciúme patológico como o clássico Otelo, de Shakespeare. Um paciente homem tinha fantasias torturantes de ciúme e de traição. Tinha fantasias de uma potência masculina inibida, e sofria com a internalização de uma proibição materna de se relacionar com quem não prestasse; de modo que idealizava a mulher perfeita. Sentimentos de insegurança o acompanhavam, em parte devido à valorização em nossa cultura do macho extrovertido. Ele era um introvertido sentimento e, de certo modo, estava fixado no adolescente garanhão que perdia dos demais. A medida que introjetava qualidades esquecidas, foi adquirindo maior autonomia e segurança e as manifestações e fantasias de ciúme exacerbado desapareceram.

Tolstoi tem um livro fantástico sobre o ciúme delirante, chamado *Sonata de Kreutzer*. No cinema recomendo assistirem *L'Enfer* de Claude Chabrol. O filme é baseado em outro inacabado do diretor George Clouzot. Tem um documentário de Clouzot fazendo o filme, é fantástico porque ele percebeu que o sujeito que está torturado pelo ciúme patológico distorce a realidade. Então usou a câmera com efeitos modernos para distorcer a realidade. E você no final não sabe muito bem se ela traía ou não traía, fica em aberto.

A traição

A traição tem causas múltiplas: projeções, incerteza, pujança das paixões. Também há uma relação com o narcisismo cultural. Um exemplo de um casal com um casamento de longa duração. Ela casou com um homem admirado, e na história reviveu o mito da Gata Borralheira. No passar dos anos começou a ser traída, mas dizia: “é melhor eu fechar os olhos para não provocar um mal maior”. Muito bonita na juventude, o conquistou, e ele não a perdeu por ter envelhecido. Ver a velhice nela era se confrontar com o limiar da vida, e a morte nele. Ela se sentia envergonhada por ter envelhecido. Difícil se libertar, as cartas estão marcadas. Tem que mudar o jogo, mas como? No caso dessa pessoa, o auxílio foi o animus espiritual, os interesses investidos em novas atividades, e o casamento ficou assim, nas conveniências, mas ela resgatou melhor convívio com a família e maior autonomia.

A traição é um problema ético que causa sofrimento, e deriva em parte da limitação da nossa capacidade de amar.

Bauman escreve: “enquanto vive, o amor vive à beira do malogro”. Vou ler um trechinho do livro de nosso colega Paulo Barros, infelizmente não mais entre nós, de *Amor e Ética*. Com muita sabedoria e graça, ele escreve um longo trecho sobre a traição, aqui uns parágrafos:

“Traímos por paralisia do encantamento. Traímos por brincadeira e curiosidade, por tédio, por coceira ou indolência amorosa; por abandono, por impossibilidade de nos sentirmos sozinhos. Traímos por sermos múltiplos e divididos. Traímos por arrogância ou por sentimento de inferioridade. Traímos para exercer o poder de sedução, para sentirmos que somos capazes de atrair. Traímos por vaidade ou autoafirmação. Traímos porque faz bem ao ego ou por motivos exotéricos. Traímos porque faz bem à pele ou por recomendação estética. Traímos porque faz bem aos músculos e por que me sinto macho”. Sándor Márai em *As Brasas*, mostra a tortura de um homem que fica a vida toda dialogando internamente com quem o traiu, e no final percebe a inutilidade de tudo. Bom, não dá pra saber, é um mistério do amor e da vida.

Sadomasoquismo

E chegamos ao sadomasoquismo, esse jogo de dominação, uma fantasia de total domínio sobre o outro ou o uso dela para satisfazer-se. Seria também, já que você usa o outro, poderia ser uma variante do narcisismo. Na clínica vincula-se às parafilias. Hoje em dia no DSM psiquiátrico, não é mais a antiga perversão, é parafilia. Nós vemos que o homem usa a força, a mulher usa o desejo. A mulher dificilmente estupra, a não ser que ela use algum objeto. O homem tende a se pautar pelo poder, a mulher pela vingança, ainda que não seja contra esse “ele” específico. No masoquismo há dor e humilhação; no sadismo, há dominação e crueldade. Há de se ver que sadismo, dentro das parafilias, e masoquismo, são ligados à atividade sexual. Mas pode ser estendido a relações psicológicas com ou sem sexo. De novo, lembrar de Neumann em *O medo do Feminino*, entendendo que há maneiras variadas de exorcizar o medo. Ter medo do outro se transforma em capacidade de punir. Há no ritual sadomasoquista um jogo erótico, que ultrapassa seu limiar - difícil de definir-, para transformar-se em parafilia, que em suma traz uma concretização e uma falta de capacidade de simbolizar.

Um autor junguiano, Anthony Storr, acha que o sadismo é mais um auto pseudossexual para afirmar o poder. São poucos os sádicos sexuais que realmente têm um prazer sexual direto no ato sádico, que caracteriza a parafilia. O sádico teria prazer no sofrimento. Claro que ele mistura um desejo sexual com poder e vingança, por exemplo, um estupro pela raiva. Também pode ocorrer em grande excitação. Pode decorrer em parte de uma repressão sexual na sociedade. O que Storr enfatiza é um sentimento de inferioridade em relação com o poder e uma regressão infantil para o ato, seja de poder ou sexual.

Zoja no livro dele sobre *O Pai*, mostra a gravidade do estupro coletivo, dando o exemplo dessas lutas contra etnias, onde as mulheres são estupradas coletivamente e engravidadas, e considera que é uma masculinidade regredida pela ausência do pai, do que ele representa, a

lei. O bando de jovens volta ao bando da horda primitiva. Falta o pai, o amor, a identidade, o falo regenerador. Existe ainda a fantasia sem o comportamento sexual sádico.

Um exemplo da clínica: um homem com uma grande insegurança sexual e receio de ser homossexual apesar de ter tido relacionamentos só com mulheres, sentia-se atraído por partes de corpo masculinas e tinha uma fantasia de humilhar as mulheres e penetrá-las com uma garrafa de vidro, o que nunca concretizou. Tinha ódio pelo desprezo delas. Psicodinamicamente desejava fundir-se a um pai que o tinha rejeitado e desde criança se refugiava na fantasia para superar os sentimentos de humilhação.

Neste grafite exposto transparece uma fantasia ou um comportamento masoquista. Aquele que se submete, quer se humilhar ou sentir alguma dor. Frequentemente há alguma repressão e culpa, que acompanha essa forma de se entregar sem nenhuma responsabilidade. Também tem algo infantil. O castigo e a dor redimem alguma culpa pela sexualidade não aceita.

Na literatura, Stieg Larsson, que faleceu em 2004, escreveu uma trilogia de sucesso que também se transformou em filme: *Millennium*, O homem que não amava as mulheres, em que se mostra muito bem o sadismo com ódio. Tanto o sadismo preconceituoso contra o outro, a inferioridade do outro, quanto o sadismo sexual contra a mulher.

Um outro filme é *Dogville*, de Lars Von Trier, em que a personagem se submete a toda série de abusos e parece uma clássica masoquista, mas depois revela toda a agressividade e violência, os dois polos se invertem. Ela, que parecia masoquista, é filha do gangster, e no fundo é uma poderosa assassina.

Thomas Edward Lawrence escreveu *Os Sete Pilares da Sabedoria*, transposto para o cinema por David Green com o magnífico Peter O'Toole, que deixou cenas inesquecíveis. Tem uma menção muito discreta, delicada, de Michael Korda, que escreveu sobre Edward Lawrence, no livro *The Life and Legend of Lawrence of Arabia*, de um episódio um pouco velado, em que ele teria sido feito prisioneiro, torturado e eventualmente estuprado. “Um delicioso calor, provavelmente sexual, me envolvendo. Sentimento de humilhação por ter falhado na missão de unificar [...] e na tortura por ter cedido à dor e ao medo, submetendo-se ao estupro como forma de escapar da dor. E descobrindo, que apesar de si mesmo, sentira uma excitação sexual proibida”.

Há o sadismo do comportamento, que também pode se ligar ao narcisismo; volto a Lasch, o historiador, que mostrava que o dismantelamento da vida da família trouxe um superego arcaico, uma primitividade masculina muito grande. Na literatura *O Jovem Törless*, de Robert Musil, descreve em um internato austro-húngaro pré guerra, na Áustria, como o comportamento desses adolescentes se desperta para a sexualidade e para o sadismo, renunciando as barbáries que iam acontecer na guerra.

Erotismo

Diga-se que os jogos de Bondage Domination são uma face do erotismo, e a pergunta a se fazer é: até que ponto é brincadeira, é jogo, é para valer? Bondage Domination é um jogo erótico consensual, segundo Foucault; é um teatro, uma encenação. Talvez muito da atração consiste em poder fazer esse teatro num mundo que é tão sádico e tão terrível. Então, umas chicotadas e um “brincar de” não é tão ruim assim. O fenômeno de best seller de *Cinquenta Tons de Cinza* traz à tona a pergunta de por que as mulheres se encantam com esse livro, em que voltam à situação de dependência, elas que conquistaram o poder. Há quem interprete que justamente por ser tão poderosa, quer se submeter e não ter mais responsabilidades; já cansou da responsabilidade. Claro que no livro há um ideal romântico que permanece motivador.

Erotismo e fusão

Rapidamente vejamos a patologia fusional, simbiótica, seja no amor ou no ódio. Esse grafite retrata um casal fusionado no ódio, o grafite mostra uma fusão liquefeita. Nesse outro é como se a família toda ficasse fusional.

Há outra polaridade: da acomodação anestesia, nesse grafite os intestinos se derramando com a igreja atrás do casal, ou seja, felizes para sempre. Lembremos de *Cenas de um Casamento* de Bergman.

Sobre o “amor líquido” tem diversas imagens, sem compromisso: o casal *cool*, o casal *Vip*, com um monte de olhos para espelhar sua vaidade. O efêmero e o culto às celebridades faz parte dessa relação. Em *Para Roma com Amor*, Woody Allen brinca muito bem com a celebridade e com o personagem de Mônica, pelo qual o protagonista se apaixona, mas ela é efêmera e superficial. Vemos ainda nas imagens expostas na rua um prazer do erotismo consumista, imediatista.

Difícil conter a dimensão do erotismo, ainda que se mescle às vezes com a pornografia, tão bem descrito por Hilda Hilst, e que atinge profundidades inesperadas. Os grafites, em suma, mostram múltiplas facetas do desejo.

Um filme atual, *Movimento Browniano*, parte do conceito de Brownie, um movimento da física aleatório. A personagem feminina procura homens para viver uma sexualidade obscura e escabrosa, e o marido fica desesperado tentando compreender. Não há explicação, no final ninguém sabe nada sobre a sexualidade, o amor, as fantasias de uma mulher.

Finalmente - e só dá para esboçar o tema aqui -, Giddens nos fala do relacionamento puro, que é difícil de ser alcançado porque é cheio de projeções, sempre. Trata-se da intimidade, polarizada ao isolamento, possível de se dar quando as identidades estão estabelecidas.

Novamente o filme, *Meia Noite em Paris*, mostraria que o personagem sai do amor romântico para um amor de intimidade. Mas é possível? Há aqui imagens amorosas de intimidade, de nossos relacionamentos urbanos. E uma brincadeira nesse slide que tem as legendas: “as mulheres querem transformar os homens e os homens não querem que elas mudem”. Mas “ambos, no entanto, sonham e se apaixonam”.

EROS: DA MORTE DAS SOCIEDADES MÍTICO-ERÓTICAS À ASCENSÃO DAS MERCANTILISTAS-CONSUMISTAS ATÉ O SÉC. XXI

Prof. Dr. Viktor Salis

Liliana Wahba: Agora, temos o prazer imenso de receber o professor Viktor D. Salis, que falará sobre: “Eros, da morte da sociedade mítico-erótica à ascensão das sociedades mercantilistas-consumistas até o século XXI”. O professor Viktor D. Salis nasceu em Atenas. Formou-se em psicologia em 1971, pela PUC-SP. Estudou epistemologia genética com Jean Piaget, em Genebra, na Suíça, onde completou seu primeiro doutorado, em 1977, com foco no desenvolvimento ético e social da criança e do adolescente. Em 1981, estudou a ética dos mitos da Paideia na formação do homem grego na Antiguidade, com Igor Caruso, na Universidade de Salzburg, na Áustria, obtendo, então, o seu segundo doutorado.

O professor Salis se dedica ao estudo das tradições e mitos das antigas civilizações grega, egípcia, judaico-cristã, caldaica e orientais para trazer para os dias atuais a sabedoria, a ciência e a filosofia dos ensinamentos milenares que formam a base da nossa educação e cultura. Conhece latim e grego, ou seja, lê os textos de estudo no original. É escritor e atua na área da saúde e da educação, buscando recuperar o ideal helênico de formar o homem “obra de arte”, ético e criador. Profere palestras e cursos em inúmeras instituições no Brasil e no exterior. É orientador de teses, participa de bancas e também realiza treinamentos em empresas, com foco no desenvolvimento ético e criativo de talentos em potencial. Alguns exemplos de empresas em que já atuou e atua: Eletropaulo, Natura, Unilever, Vale do Rio Doce e muitas outras. É um privilégio, um prazer, receber o professor Viktor D. Salis.

Viktor D. Salis: Muito obrigado. Boa noite a todos. Foi muito fascinante escutar você, Liliana, sobre essas questões tão psicanalíticas, aqui, em um ambiente tão junguiano. De repente, pareceu-me que repassamos os “Três Ensaios da Teoria da Sexualidade”, de 1905, de Freud – essas questões levantadas da sexualidade perversa, polimorfa, sobre a qual Freud tão bem falou, e todas essas questões da traição. Eu queria me colocar, mas achei melhor me conter e esperar um pouco, mas não me aguento, preciso falar algumas coisas a respeito, pois são temas muito interessantes dentro da tradição mítica.

Tive o privilégio de aprender e estudar com Joseph Campbell e com Mircea Eliade. Fui aluno deles há muitos anos. Tive o privilégio de tê-los como mestres. Esta expressão que vou usar – "morte das sociedades mítico-eróticas" – está na obra "História das Crenças e Religiões", de Mircea Eliade. Era um tema central nas grandes sessões que tínhamos, naquelas aulas magnas da Sorbonne. Eram mais de quinhentos alunos, todos chegando às sete horas da manhã, sendo que começava às nove. Havia monstros sagrados como Jean Piaget, Jacques Lacan, Foucault e outros. A sala, com mais de quinhentos alunos, todos fumando lá dentro. Vocês podem imaginar como era! Havia até uma neblina atrapalhando a visão. E eles também, com charuto e toda a pompa. Eu me lembro dessas aulas fantásticas e, em uma delas, de ouvir essa figura emblemática, Joseph Campbell, falar sobre a morte, sobre o que caracteriza uma sociedade mítico-erótica e o que caracteriza as culturas atuais, que ele chamava de sociedades mercantilistas. Consumistas é acréscimo meu por ser um termo mais moderno, mas ele chamava a atenção para o termo mercantilismo mesmo. Ele, inclusive, usava algumas metáforas muito interessantes. Algumas palestras foram em Salzburg, por onde passa o rio Reno. Então, Campbell falava assim: "Para cá do Reno, estamos nós. É um planeta. Para lá do Reno, é outro planeta."

As sociedades mítico-eróticas, por acaso, estão no planeta Terra, mas não têm nada a ver conosco. São sociedades não consumistas, voltadas para a paixão e a arte de viver. Aos nossos olhos, são sociedades vagabundas porque acham o trabalho uma idiotice. Pensam como os nossos índios, com a inteligência dos nossos índios. Igualzinho. Acham que é perda de tempo trabalhar mais do que o necessário.

Falo, nos meus livros, sobre a distinção entre duas palavras que, nas línguas latinas, desapareceram. A palavra "trabalho", que vem de *tripalium* que, como vocês sabem, é um órgão de tortura romano, utilizado para forçar, torturar, chicotear. Era para ser usado com os servos desobedientes para que ficassem mais dóceis. Em grego, temos duas palavras para trabalho: temos *erga* – que ficou na nossa língua como uma variante – e *duleia*, que desapareceu na nossa língua. Mas por que duas palavras para a mesma coisa, não é? Porque não é a mesma coisa! A palavra "trabalho" para o pensamento grego se traduz mais aproximadamente pela palavra *duleia*, daí vem *doulos*, que é servo, em grego, servidão. No grego moderno, temos as duas palavras usadas indistintamente, tendo perdido seu significado sagrado.

E por que *erga*? Vocês vão identificar essa raiz em demiurgo, ergonomia. Demiurgo é deus, ou seja, está relacionado ao trabalho criador. A palavra *erga*, em grego, significa o trabalho voltado para a realização de si mesmo, dos seus talentos, sem finalidade lucrativa. Esse é o ponto. Mas, mesmo assim, até o século V a.C., nas sociedades arcaicas gregas, eles dedicavam

uma parte da vida (uma pequena parte, aliás, normalmente das dez às quatorze horas, porque não gostavam de acordar cedo, graças a Deus!), para ir à Ágora levar suas azeitonas, sua lã etc., para fazer o escambo (nessa época, ainda não temos a moeda). A partir daí eles voltavam para casa, descansavam (claro! já cansou muito ficar das dez as quatorze), para irem aos simpósios, à noite, a fim de discutirem sobre a arte de viver e amar. Isso é fundamental. Imaginem! Era muito mais importante falar disso! Eram mais inteligentes, não viam “Big Brother”, não perdiam tempo com televisão.

Então, passar a noite discutindo sobre a sua missão, o seu sentido... É só ler o Simpósio de Platão. Escrevi um livro justamente sobre essa arte relacionada ao Eros Sacro. O que é esse Eros? Como vamos praticá-lo? Sim, tem a sexualidade. Claro que tem! Vamos praticar por meio da sexualidade, mas é um Eros elevado, que devemos celebrar, sim – em oposição ao Eros vulgar.

A essas alturas, eu escutava, assim, embevecido, um Joseph Campbell, um Mircea Eliade e pensava: "Nossa, como somos trogloditas! E eu, que me achava civilizado, trabalho como um cavalo e achava que isso é que é a minha vida!" E ainda: "Que idiota sou! Imaginem! Não é para trabalhar desse jeito!" Eles viviam muito bem, trabalhando pouco e fazendo trabalho criador. Pausânias, em pleno século II d.C., escreveu uma obra prima, infelizmente nunca traduzida para a nossa língua, não sei por quê: “Descrição da Grécia”, quando ele passou por Atenas, no século II d.C., quer dizer, 700 anos depois da derrocada que ocorreu a partir do século V a.C. (está lá o Parthenon, com todo aquele brilho ainda das construções); é uma descrição lindíssima. Ele diz: "Pois é! Mas isso está vazio! Houve um tempo em que nesta cidade havia mais estátuas do que homens, havia mais filosofia do que homens. O que foi que aconteceu? Como foi que isso desapareceu? E, hoje, esta cidade não tem senão fantasmas". Bom, do século V a.C. até o século II d.C., a população de Atenas, que era de aproximadamente 300 mil pessoas, caiu para 8 mil. A cidade virou um vilarejo de nada. Os monumentos estavam lá, mas eram nada. A Paideia desapareceu, as academias foram fechadas por influência romana e, depois, pela Igreja. Os Jogos Olímpicos foram condenados e assim por diante. Ele pergunta: "O que foi que aconteceu? Como era possível ter mais estátuas do que homens, mais filosofia do que homens, mais matemática do que homens?". E ele mesmo responde: “Foi a Paideia. Foi a arte de construir homens ‘obra de arte’. Um lugar onde qualquer um deveria ser uma obra de arte a partir de seu Eros”.

Notem que interessante essa concepção de Eros. Estamos tão acostumados com a ideia de “eros” como “sacanagem” que nem passa pela nossa cabeça que Eros é um elemento sacro no pensamento arcaico. Existe um Eros vulgar, mas esse Eros de que falo significa a paixão de viver. Encontrar essa paixão de si a partir de si. Vem de Teócrito a definição de que “cumprir o

seu destino nada mais é do que você se tornar cada vez mais você mesmo, a partir do melhor e do conhecimento de si mesmo". Pensamento que Sócrates haverá de desenvolver brilhantemente no "conhece-te a ti mesmo" como a única possibilidade da construção do ser. Isso é uma sociedade erótica, movida à Eros, movida à paixão de viver. Tanto é que uma palavra, cuja etimologia vocês talvez não conheçam, é fundamental no pensamento arcaico. Esta palavra é "entusiasmo", que significa "o deus que adentra e que se faz expressar". *En* – adentra; *theos* – deus; *asmos* – que se expressa.

Essa é a cultura da civilização erótica por excelência. Ela vive por meio do entusiasmo. Por isso é que a revelação das musas é tão essencial no pensamento arcaico. Até hoje falamos "minha musa inspiradora", não é? Mas "minha musa inspiradora" nada mais é do que um elemento mágico, mítico, religioso para eles, que é a revelação de si através daquilo que você tem de melhor guardado no seu interior. E quem é esse "tal" que está aí dentro do interior revelado? Que nome se dava a isso? *Daimon*! Conceito que a nossa cultura judaico-cristã demonizou! O gênio imortal que te habita, a energia que fica fervendo dentro de você e que te leva a cumprir ou trair o seu destino. Como dizia Hipócrates: "Quem não se entrega a Eros, adocece." Olha que psicossomática avançada! No século VI a.C., já falando que, quem não cultiva Eros, quem se desvia de seu destino – isso está nas tabuletas de Epidauro, no centro de cura – há de adoecer. A perda de Eros talvez seja a marca registrada das sociedades mercantilistas que somos. Por mais que tenhamos feito tantas observações interessantes, divertidas e sérias, neste simpósio, sobre o problema da traição, do sadomasoquismo – muito oportuno, por sinal –, existe um tom condenatório por trás de tudo isso. Vocês concordam comigo? O que existe é uma cultura da culpa, o que foi muito bem observado. O nosso erotismo está muito longe de uma sociedade erótica vivida por paixão. No máximo, escolhemos fazer alguma faculdade porque temos atração pelo assunto, seja a psicologia, seja a arquitetura... Tanto faz. Digo no máximo porque nossa vida é de burro de carga. É para trabalhar muito, para ter cartão de crédito que depois estoura e não dá para pagar. É isso a nossa vida. Não importa a profissão, não existe muita paixão. Aliás, se alguém perguntar a você: "E aí? Como está a vida? Trabalhando muito?" Se você responder "Não, por quê?", irão certamente pensar: "O que é isso? Vagabundo, como ousas?" E vocês sabem que a palavra "vagabundo" vem do latim *vaga mundus*, quer dizer, aquele que passeava pelo mundo. Essa é uma das passagens mais importantes no período romano, mas principalmente na Idade Média, que da origem à expressão "negador do ócio" (*negum ottium*), o negociante, que vivia nos burgos. O negador do ócio é o negociante. Então, o negócio é trabalhar! Não pode ter, de jeito nenhum, tempo de sobra. Imagina se você vai confessar que gosta de acordar às onze horas da manhã? Você não vai falar isso!

Vocês estão percebendo? Somos uma sociedade da culpa que não consegue entender uma sociedade dessas. Como Joseph Campbell gostava de dizer: “Eles são vagabundos aos nossos olhos, mas apreciavam a arte de viver. E a arte de viver movida a paixão.” Eles são antiprodutivos. Esse é o palavrão. A produtividade é mal vista, a criação é muito bem vista. Por isso a palavra “ócio”, que tanto se deturpou na língua moderna, foi associada a lazer, o que, obviamente, não tem nada a ver, pois são palavras totalmente distintas. Ócio, em grego, é *psicagogia* – condução da psique. É a segunda etapa da Paideia. É o famoso “conhece-te a ti mesmo” socrático. A primeira etapa é a *Pedagogia*, que é o meio pelo qual o indivíduo é formado para a ética e para a coragem de ser verdadeiro (nada a ver com a pedagogia de hoje). Como Sócrates dizia: “o conhecimento é para o resto da vida, mas, para aprender a mentir, precisamos de pouquíssimo tempo. E uma vez instaladas a covardia e a mentira, você nunca mais as extirpa”.

Estamos falando da falácia e da estupidez da educação de hoje. A educação de hoje é voltada para o conhecimento, algo de pouca utilidade para formar um homem ético e criador. Nunca o conhecimento formou um homem. Vocês sabem disso? Você pode ter um doutor formado em muitos cursos, e ele poderá ser um safado do mesmo jeito. O fato de ele fazer doutorado não tira a safadeza dele, ao contrário, agrava o processo. Vocês concordam comigo? Infelizmente! A postura ética, a coragem de ser verdadeiro, a dignidade, tudo isso você pode ter em uma pessoa que é analfabeta.

É de outra postura, é de outra formação que precisamos e que esquecemos. Estamos vendo a construção de um homem produtivo a qualquer custo, que é frequentemente antiético! Isso é o mercantilismo, ou seja, fazemos da vida um mercado. Essa seria a mais simples tradução. O consumismo é só uma consequência natural.

Essas sociedades mítico-eróticas têm Eros desempenhando um papel dionisíaco por excelência. Liliana [Wahba] lembrou muito bem de Michel Maffesoli, com quem também tive a honra de ter algumas aulas e que escreveu um trabalho brilhante: "A sombra de Dionísio: contribuições para uma sociologia da orgia". Aquilo é uma obra-prima, uma obra que nos mostra o que é o verdadeiro societal. Isto é, o nascimento da relação humana verdadeira entre eu e o outro, na qual não coloco ninguém na mesa para me esbaldar com um banquete, mas coloco a mesa como um local sagrado da divisão do que tenho com o outro. Isso é o nascimento da civilidade por excelência. Esse é o nascimento da ideia de dividir. É o tema do bode expiatório, no qual alguém deverá morrer – sem merecer – para que eu dele me alimente e possa viver – também sem merecer. Ou seja, sentar-me ao lado de alguém na mesa para dividir – e se possível não colocar a morte na mesa, ou o mínimo dela – é a civilidade suprema, a superação do bode expiatório. Quer dizer, quando aprendo a ter o outro como

alguém com quem eu divido e não como alguém para eu me apoderar e devorar em luto banquete. Como vocês podem perceber, não estamos tão bem evoluídos assim. Gosto de dizer para meus alunos que nós, em matéria de tecnologia eletrônica e mecânica, somos nota dez, mas, em termos de tecnologia humana, a nota é zero.

Mas como praticar essa arte do erótico? O lado da sexualidade é muito importante, sim, mas Eros vai muito além. O Eros me provoca a mim e ao outro e eu preciso do outro, pois sem ele não posso existir. Ou, como disse Simone de Beauvoir, no “Segundo sexo”, em um dos seus momentos brilhantes, no momento em que um personagem adentra um teatro vazio: “É preciso que o outro apareça para que eu comece a existir”.

Então, esse ato dionisíaco é que funda o Eros original. O Eros que me leva a não poder prescindir do outro, não importa de que modo. Uma das sacadas geniais de Nietzsche foi essa mesmo, quando ele disse que a grande diferença (e Freud, depois, tomou emprestado o conceito, pela porta dos fundos, nessa questão da escolha objetal), a grande sacada dos antigos gregos é que eles não cultuavam o objeto (a escolha objetal em linguagem psicanalítica), eles cultuavam o instinto. O que quer dizer isso? Simples! Importa que você tenha Eros, importa que você dirija seu Eros para o mundo. Bem fenomenológico, não é? Mas não importa para quem e nem como. A nossa cultura judaico-cristã e islâmica é cheia de preconceitos – lamento informar – e diz: “Você é...” “Isso você pode; aquilo é proibido.” “Esse não; desse jeito é traição.” É um festival tão grande de regras do que pode e do que não se pode, que chegamos a um extremo de culpa e condenação.

É claro que sim, somos uma sociedade da culpa. Ainda devemos explicações históricas e o próprio Freud nos deve muitas explicações. Como é que uma sociedade que não só libertou, mas cultivou o erotismo ao ponto do sagrado, evoluiu ao ponto em que chegou? E nós, ao reprimi-lo, achamos ser esse o único meio de sermos civilizados. Isso está em sua última obra: “O mal estar da civilização”.

É claro que existe uma falácia aí, é claro que “soltar a franga”, como estão fazendo hoje, não vai levar a nada, somente irá fabricar malucos e drogados. Sabemos disso. Mas a repressão de modo algum constrói uma civilização. A Alemanha é a melhor prova disso com o seu nazismo. Toda aquela perfeição maravilhosa explodiu naquela violência bárbara da Primeira e da Segunda Guerra. Então, qual é a chave? Educar o instinto! Qual é a burrada? Educar a razão!

O modelo iluminista foi uma reação à Igreja fanática, mas acabou tornando-se um fanatismo do racionalismo e é o que tem dirigido nossa cultura e nos levado ao desastre da civilização consumista e mercantilista. Porque abrimos mão de Eros como tal e, principalmente – agora, a segunda parte –, abrimos mão do mito. Somos uma desconstrução do mito. Aliás, é por isso que nossos consultórios estão cheios, graças a Deus! Porque as pessoas vão lá, desesperadas,

arrancar um pouquinho dos mitos que ainda lhe sobram, uma vez que na vida cotidiana isso lhes é proibido. Tenha alguns sonhos e logo dizem: "Esse cara é esquisito, é exótico, é maluco" e outros adjetivos menos lisonjeiros. Ou seja, cada um de nós foi obrigado a engolir... Lembram que eu falei do *Daimon*? Dessa energia que foi demonizada? Sim, essa energia imortal a que os antigos atribuíam a chama que nos impele a buscar uma profissão, uma visão de mundo, como se diz na fenomenologia. Isso é o que nos mantém vivos. Esta é a nossa chama.

E tem que ter alguns viciozinhos, sabe? Tem que ter umas maluquices. Essa maravilhosa figura junguiana, Nise da Silveira, que nos brindou com tantas e tantas obras únicas... Não sei se vocês viram, mas numa delas há um trecho maravilhoso, no qual ela diz: "Detesto gente muito normal; graças a Deus, eu nunca vivi com gente muito normal. Tem que ter um pouco de loucura, de gosto, de sabor". Também coloquei essa questão em um dos meus últimos livros. Acho muito chato uma pessoa muito bem analisada. As pessoas não podem ser muito bem resolvidas, não é? Senão, o que fica como desafio? Também não precisa ser um negócio muito maluco. Mas tem que ter essa paixão pelos seus próprios mitos.

Os mitos nada mais são do que sonhos e utopias absurdas ou, como disse muito bem Teócrito, no século VI a.C.: "Sabe o que é mito? Essas coisas nunca aconteceram, mas sempre existiram". E vão existir dentro de cada um ao seu modo. É muito belo vermos isso no Fedro, de Platão, quando ele diz que nós não estamos aqui para reviver os mitos, estamos aqui para recriá-los.

E essa é a beleza. Liliana [Wahba] estava falando de Narciso e eu estava aqui pensando assim: "Pois é! A história de Narciso é ótima porque esse nome tem origem na palavra grega *nárkissos*. Vocês vão achar que é preciosismo erudito meu. Não é. Os romanos têm um problema disléxico, sempre tiveram. Então tudo que é "k" virou "c". Eles também trocavam o "m" pelo "f". Por exemplo, em grego, "forma" é *morfé*, como em "metamorfose". Isso deturpa a origem da palavra e o seu significado. Por exemplo, *nárkissos* vem da raiz grega *narcóno*. Daí vem narcótico. E, assim, vocês não associam Narciso com o significado original da palavra. A flor do narciso é o mais antigo narcótico que se conhece, anterior à papoula, e se dava para as pessoas que iam fazer uma operação ou arrancar um dente, etc. Faziam-se infusões com a flor do narciso. Mas o que tem a ver Narciso com narcótico? O narcisista é um narcotizado de sentimento. É o oposto de Eros. O problema do narcisismo não é a homossexualidade, é a ausência de sexualidade. O narcisista está narcotizado. A palavra "anestesia" tem origem grega. *Éstos* é estima, sentimento. Portanto, *an éstes* significa ausência de sentimento.

Quando tentamos entender uma civilização erótica, temos que ver, justamente, como ela vive esses mitos paradigmáticos, como o do narcisismo. Nós mesmos os revivemos. E como

fazemos isso? Ora, o mito não é assim? “Pan, que amou Eco, que amou Narciso, que não amou ninguém!” Agora, quem nunca viu esse filme? Quem nunca amou alguém e não foi correspondido? Quem nunca foi amado e não quis saber? Quem, como Eco, que tudo dá – é o oposto de Narciso –, quem nunca deu tudo e “tomou na cabeça”? Quem escapou dessas tramas da fatalidade, não é mesmo? Quer dizer, entre a doação total e o egoísmo total – a negação total de Narciso – estão todas as histórias de amor da humanidade. E cada um tem seu lugar nessa história.

Essa é a função do mito. Por isso ele não pode obedecer à lógica aristotélica que diz que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Isso é primitivo e tosco. A linguagem dos mitos exige outra lógica do vivente, que é a linguagem psicológica por excelência: as coisas são e não são ao mesmo tempo. Ou seja, você vive uma linguagem da ambiguidade, que somente o método fenomenológico foi capaz de compreender. Essa foi a grande sacada e superação dessas sínteses “hegelianas”, essas “bobagens” filosóficas do século XIX. A fenomenologia revelou, com inteligência, essa linguagem da ambiguidade, que é a essência do fenômeno psicológico e que torna possível amar e odiar ao mesmo tempo. Ora, quem nunca teve um momento... quem nunca teve vontade, aliás, de fazer um carinho enorme no filho, mas de afogá-lo na banheira também? Isso vale para o seu filho, vale para o seu amor, vale para todo mundo.

Se estudarmos os hieróglifos egípcios, veremos uma coisa genial. Os hieróglifos adjetivados, os que falam de qualidade, os qualificativos, são dessa natureza. Por exemplo, não existe a palavra “amor” na escrita hieroglífica, nem a palavra ódio. Há um hieróglifo que expressa algo como “amoródio”. Durma com um barulho desses! Por quê? Porque se trata de uma linguagem muito evoluída que não é cursiva como a nossa, não é um discurso linear encadeado, burrinho, aristotélico. É aquele discurso no qual é você quem completa o sentido. Então, quando se lê aquele hieróglifo, coloca-se mais amor ou mais ódio, conforme nosso estado de espírito e assim o completamos. É uma leitura interpretativa por excelência. Não é assim que fazemos em nossas sessões de terapia? Você recria a sua fantasia, recria o sentido e o significado a cada momento de sua vivência. Nada mais belo do que os sonhos para isso.

Não há linguagem mais mítica que o sonho. Creio que foi Jung ou um desses monstros sagrados que disse assim: “Quando não entendemos os sonhos, achamos nossa vida tão normal, e os sonhos, uma bagunça, não é? Quando começamos a entendê-los, vemos como nossa vida é uma baderna e como eles têm sentido”. Ele tem toda a razão, não é? Quer dizer, a riqueza dessa linguagem da ambiguidade, essa subjetividade radical dos sonhos, do psíquico, é que nos mantêm vivos. Essa é a linguagem mítico-erótica por excelência.

Esse livro, como é que se chama? “Cinquenta Tons de Cinza”? Ainda não li o livro. Ouvi falar. Sou meio contra... reticente com esses livros da moda. Espero muitas opiniões para depois ter coragem de ler... Achei fascinante o argumento: a madame-macho que virou masoquista. Seria essa a história? Não era uma executiva? Uma madame-macho, não é? É triste, mas é assim, não é? Tenho dó, porque eu, que trabalho muito em empresas, vejo as mulheres transfiguradas. Depois não sabem por que não arrumam homem. Os homens têm medo delas! Pois é! Elas viram homem sem pinto. Assusta, sabe? Não têm aquela sutileza. O que atrai um homem numa mulher? É a sua fragilidade, a sua elegância, a sua magia. É a capacidade de força maternal, o sentido instintual, isso tudo é muito feminino. Agora, elas colocam aqueles *tailleurs*... Socorro! Não é? Não dá! Vai tudo por água abaixo! É o mítico-erótico que desaparece. Então, esse resgate é um dos nossos desafios.

Vou me aprofundar um pouco mais. Ainda temos tempo. Quero contar umas histórias divertidas aqui, porque fiquei com o negócio da traição “atravessado”. Aí pensei: vou dar o troco nessa história da traição!

Em primeiro lugar, a história da traição é tão velha quanto a humanidade. Não vamos, agora, dourar a pílula. É óbvio! O desejo, a linguagem do desejo... Nisso Freud tinha razão: é perverso polimorfo, sim! Não precisa exagerar também, mas temos um polimorfismo natural, temos uma atração pelo diverso. Essa história de monogamia... Pelo amor de Deus, gente! É para boi dormir! Tenho um professor que dizia assim: “Tem três espécies de pessoas. Uma que definitivamente foi feita para casar. Essa não fica solteira mesmo. Tem que casar, pois não aguenta! Já a outra espécie é do tipo ‘mais ou menos’, principalmente os homens: ‘não sei se caso ou se compro uma bicicleta’. Mas sempre aparece uma espertinha, que pega esse homem e o faz casar. E a terceira categoria é a dos que definitivamente nunca deveriam casar”. Essa é mais uma das manifestações da condição humana. Ela é variável, é polimorfa. A imensa maioria das pessoas não é monogâmica. Essa é sua natureza.

Vou citar um exemplo da Ilíada, que, aliás, era a Bíblia para o grego antigo. Um garoto de nove a dez anos de idade tinha que sabê-la de cor. E são 2.700 versos! E era um orgulho isso! E lá temos episódios divertidíssimos, mas muito emblemáticos. E citarei um. São atos realizados pelos deuses e, se os deuses fazem, são exemplos para todos. Não é assim que aprendemos? Se ele pode, eu posso. Ou, pelo menos, vou tentar.

Esta é uma história de traição muito divertida. É assim: Afrodite, a Vênus romana, linda deusa que dispensa comentários, tinha um casinho com Ares, que era o deus da guerra. É o Marte romano: gostosão, bonitão e tal. E os deuses do Olimpo fofocavam a respeito disso. Claro! Afinal de contas, onde já se viu uma coisa dessas? Ela era casada com o deus Hésteto, o Vulcano romano. E ele estava meio desconfiado, querendo dar um “flagra” nela. O que ele fez?

Disse: “Olha, minha querida, vou lá ao Monte Etna continuar a fazer minhas ferramentas. Estou precisando fazer uma nova bigorna e outras. Vou ficar lá alguns dias e você fica aqui quietinha, tranquila. Tudo bem?” E ela responde: “Sim, claro! Vá com Zeus, fique tranquilo! Vou aproveitar para fazer meus tricôs e crochês e tal.” E assim que ele saiu, Afrodite pensou: “Estou livre, sozinha! Ares, venha para cá!” Este é levado, então, aos aposentos da deusa. Estamos no Olimpo, lembrem-se. É tudo divino e maravilhoso. Só que o deus das ferramentas, muito esperto, tinha tecido uma teia, uma rede finíssima de fios de ouro, invisível, e a tinha colocado debaixo da cama deles, de modo que, quando deitassem, a teia seria puxada por meio de um ferrolho, aprisionando-os. E dito e feito! Os dois anjinhos nus foram flagrados na cama da deusa em pleno Olimpo! E Héfesto, que estava lá na esquina, voltou correndo e falou: “Pessoal, venham ver! Venham dar o flagrante aqui”. Chamou todos os deuses para verem os dois abraçados e morrendo de vergonha. Entre eles estava o deus Apolo, com o seu irmãozinho safado Hermes, o Mercúrio romano, que tiveram o privilégio de ver a deusa da beleza nua. Não precisa de mais nada, não é? É para deixar com inveja qualquer “Miss Universo”. Estavam lá olhando e Héfesto, irado, diz: “Eu quero uma indenização pelo ocorrido, uma compensação pela minha honra ofendida” (era hábito exigir indenização como compensação da traição ao adúltero). E Ares, lá de cima, diz: “Não tem problema. Vamos discutir. Quantos talentos de ouro você quer? Quanto será que vale?” E Héfesto responde: “Quero cinco talentos de ouro!” Uma fortuna! Então, Hermes, que estava ao lado, exclamou: “Meu caro irmão Apolo, por cinco talentos? Nossa! Eu pagaria quantas vezes mais para ter em meus braços esta deusa!” Ou seja, “valeu mil vezes, vou pagar de novo”. Bem, essa anedota muito didática está na *Ilíada*, no Livro IX e era lida e decorada pelos jovens de nove a dez anos...

O que significa isso? Que nem os deuses levavam muito a sério essa coisa de traição. Traiu? Tudo bem! Dê o troco e não me encha a paciência, deixe para lá! Acho isso divertidíssimo! Reflete muito bem esse aspecto erótico, delicioso, suave. Se aconteceu, aconteceu. Paciência! Não tirou pedaço. Lavou, está novo! Não é o que dizem? Pronto! Vamos em frente! É para aliviar um pouco essa nossa culpa judaico-cristã que implica que tudo em que há sexo é pecado, é horrível, é terrível. Eu vejo algo que aprendi a apreciar em Baudelaire, em sua obra “*As Flores do Mal*”: “Quem ama verdadeiramente, liberta, jamais se apodera”. Essa história de apoderamento é uma chatice. Essa coisa de traição... Sabe, nem nós somos donos do nosso coração. Alguém é? Sempre fui avisado depois que o estrago já estava feito. Sempre foi assim. Não sou dono nem do meu coração, vou querer governar o dos outros? Claro que não vamos, agora, cair em uma festa, mas temos que ter um mínimo de concepção, de compreensão do que é esse erótico e essa, a função do mítico. São sonhos e anseios, e o mítico, sim, permeia

nossas fantasias de amor. E coitado de quem as perdeu. Tem pessoa mais chata do que aquela que não tem mais fantasias de amor, não tem mais sonhos de amor?

Bem, apenas para terminar, por que é que desapareceram essas sociedades? Essa é a grande pergunta. E por que as substituímos por sociedades tão chatas como a nossa? É uma boa pergunta, não é? É um privilegiado quem, por exemplo, ama o que faz. Vocês sabem que é uma grande minoria. Está aqui a minha querida colega de classe. Olha só! Imaginem vocês! Colega de colegial e de faculdade. Sou um filho da PUC. Nasci aqui também. Cresci aqui. Então, poucos têm esse privilégio de fazer uma coisa apaixonada. A imensa maioria, que perdeu a paixão, faz por obrigação, sente que a vida é uma chatice. Quer dizer, como você quer que o mítico fique vivo dentro dela? Os mitos morrem quando você os troca por doença. Você os troca por banha, por tudo quanto é tranqueira, por tudo que deforma você como ser humano. Você se anula. É assim que acontece. Não quer dizer que o indivíduo mítico é magro. Está cheio de magros chatos também. Não é isso. Mas quero dizer que a gente sabe quando um indivíduo tem um mito próprio dentro de si, porque ele tem erotismo, alegria, paixão. Ele segue aquela lei de Hermes, que vale a pena citar. Está na Tábua das Esmeraldas e diz assim: “Na vida, tudo é jogo e comédia e nada merece ser levado muito a sério, a começar por você. Quando você deixar de se levar a sério, terá começado a viver, porque eu, o deus dos caminhos, encontro solução para tudo, inclusive para a morte”. Na tradição antiga, eles acreditavam que voltavam a viver após a morte. Vieram depois os espíritas e os copiaram.

A nossa sociedade tem esse defeito. O mercantilismo e o consumismo, mais do que nunca, fazem com que você leve uma vida sem graça: compramos tudo que não precisamos para mostrar para quem a gente não gosta, para ter *status*. E aguentar uma despesa brutal de coisas desnecessárias. Quer dizer, esse modo belo de viver, leve, nós estamos devendo.

É claro que essas sociedades desapareceram. Há inúmeras razões para isso, mas o fato é que essas sociedades desapareceram porque tinham um defeito: não eram guerreiras. Essa é a questão. Não eram *vikings*, como o são os americanos, por exemplo. Eles são os *vikings* de hoje. Antes eram os romanos. Querem engolir o planeta, fazendo você consumir, como um idiota, coisas de que você nunca vai precisar para encher de dinheiro essas tais multinacionais, etc. E, olha, não tenho nada de socialista. Vou avisando: sou muito aristocrata! Mas sou aristocrata da alma, da excelência de cada um, aristocrata do merecimento ou, como Nietzsche disse muito bem: “O estado só tem sentido se for do homem para o homem”. Do homem para a economia não é estado, é idiotice.

Então, essa é a grande questão com que hoje nos deparamos. E vocês sabem que a questão é muito atual! Sabem por quê? Por bem ou por mal... Vai ser por mal, porque nós estamos aprendendo que vamos ter que parar de consumir. Já foram avisados a respeito disso. Esse

consumismo não vai dar certo, vai explodir o planeta. E não precisa ser natureza nem nada. Não dá mais para continuar desse jeito! Vamos ter que voltar a um esquema mais mítico-erótico, aprender a viver mais, com menos. Essa é a nova fórmula.

CONFLITOS DE CASAIS

Leniza Castello Branco

Denise Ramos: Leniza Castello Branco, psicóloga e analista junguiana na capital paulista, é membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA). É também pesquisadora de música popular brasileira e grande conhecedora de literatura e mitos brasileiros. A seguir, falará a respeito dos artigos que escreve para revista de grande circulação e que tratam dos conflitos entre casais.

Leniza Castello Branco: Desde 2006 escrevo na Revista Caras sobre “Relacionamento de casais”. Essa revista é bastante conhecida, com tiragem de 300.000 exemplares semanais. Os artigos devem apresentar um problema que ocorre em uma relação e mostrar a solução. Tenho que escrever de modo simples e tentar ajudar de maneira efetiva. Tento mostrar alguns conceitos da Psicologia Analítica. Em meus artigos, falo um pouco da sombra, um pouco dos complexos, falo da alma e do animus. Vou falando de uma maneira leve, mas notei que os artigos ajudam as pessoas. As pessoas leem e ficam interessadas. Ao final de cada artigo, ponho o meu e-mail. Então, as pessoas me escrevem dizendo: “Poxa, eu estava tão mal, você escreveu um artigo que me ajudou demais”, ou “Parece que você escreveu pra mim”. Escrevi um artigo sobre o fato de o fim de um amor não ser o fim do mundo. Escrevi que os amores acabam mesmo, que quem está no fim de um amor vai passar por sofrimento, mas depois vai se recuperar. Uma mulher me escreveu: “Eu ia me suicidar, aí fui ao dentista.” Ela leu meu artigo em uma revista no consultório do dentista, adorou e falou: “Desisti! O seu artigo salvou minha vida.” Fico feliz vendo que consigo ajudar algumas pessoas. Essa é a finalidade de escrever numa revista popular.

Amor, traição, violência, ciúme, sexo, falta de comunicação, romantismo... Escrevi um sobre cartas de amor. Outro, sobre a arte de dar presentes, sobre como é difícil dar um presente. Às vezes a pessoa vai dar um presente pensando que está agradando, e, ao invés, vai estragar um relacionamento. Esse foi um artigo interessante. Alguns títulos de artigos que escrevi – porque têm que ter títulos chamativos – são, por exemplo, “Trair é fácil para quem não consegue amar”; “Se seu bem é seu mal, a causa deve estar dentro de você”; “Quando existe amor, as marcas do tempo não estragam a relação”; “Seu amor é chantagista?”; “Violência contra a

mulher”; “Dom Juan pode acabar sozinho”; “Indecisão entre dois amores”; “Mentiras podem acabar um relacionamento”. Então, a partir dessas ideias, e com 3.500 caracteres, escrevo alguma coisa sobre esses temas.

Coloquei cerca de 80 artigos que escrevi em um blog na internet (<http://leniza.wordpress.com>). As pessoas começaram a entrar no Google e a fazer perguntas que eu incluía nos meus artigos. Alguém escreveu: “Estou indecisa.” Eu incluía o assunto no meu artigo. Ou “eu fui traída” ou “tenho mentiras no meu relacionamento”; “como fazer para resolver tal problema?” ou “estou na dúvida.”

No blog coloquei também meu e-mail e comecei a receber cartas de várias pessoas, de vários lugares, fazendo perguntas sobre esses artigos. As cartas, do Brasil, muitas de Portugal, Angola, e de muitos brasileiros que moram fora do Brasil, nos EUA. Desde 2008 foram mais ou menos 55.000 mil acessos aos meus artigos. Considero esse um número muito alto. Quando comecei, em 2006, foram 4.000 acessos; em 2009, cerca de 5.000; em 2010, chegaram a 8.000; em 2011, já foram 18.000 no ano; em 2012, foram 20.000 acessos até o total, em 2012, de 55.000 acessos ao meu blog.

Os gráficos a seguir apresentam os artigos mais acessados.

Essa parte é a que achei mais interessante porque a maioria absoluta dos acessos – e das consultas –, está relacionada ao artigo “Indecisão entre dois amores”. Nesse caso, temos 41% dos acessos. Em relação ao artigo sobre mentiras, foram só 3%. Sobre cartas de amor, 4%. Na página inicial, em que falo algumas coisas sobre música, foram 2%. O artigo sobre namoro após separação recebeu 3% dos acessos. E, no conjunto, todos os demais correspondem a 23% dos acessos. Então, podemos dizer que o artigo campeão foi “Indecisão entre dois amores”.

O blog é muito interessante. É um blog da Wordpress, agência que fornece as informações sobre os termos-motor que levaram ao blog, número de acessos por dia, itens acessados... Assim, por exemplo, sei que na semana passada foram 264 acessos ao blog e, desses, 124 estão relacionados ao artigo sobre indecisão, que é todos os dias o mais lido.

Como as pessoas chegam a esse artigo? Quais os termos-motor? O que elas escrevem no Google para que cheguem aos artigos? Pesquisam algo no Google e, além de outros resultados, aparecem os meus artigos. Então, por exemplo, as pessoas pesquisam no Google “como decidir entre dois amores”. No resultado da pesquisa está o meu artigo. “Amor não tem idade” ou “indecisão no amor” – novamente meus artigos aparecem no resultado da pesquisa. Houve uma pessoa que escreveu: “mãe dominadora, trauma, mentira entre dois amores”. Outra foi direcionada ao artigo sobre cartas de amor – penso que ela queria escrever uma carta, uma mensagem para enviar ao ex-namorado falando que estava indecisa. Outras

pesquisas são, por exemplo, "na indecisão, o que fazer?", "escolha entre a mulher e a amante" e "como lidar quando existem dois amores na vida de uma mulher".

Então, pensei: "bom, o que esse artigo tem que as pessoas gostam tanto?" Vou ler o artigo para vocês terem uma ideia de como escrevo na revista.

Indecisão entre dois amores.

Muitas vezes as pessoas se angustiam porque precisam fazer escolhas que podem mudar totalmente o rumo de suas vidas. Assim é quando se debatem entre a liberdade e o casamento, entre um namorado e outro que surgiu, uma decisão que leva um dos dois para longe. Para decidir é preciso ponderação e consciência de que qualquer escolha significa uma perda.

Todos os dias, tomamos decisões, mesmo em assuntos aparentemente sem importância. Algumas vezes as escolhas são cruciais, pois talvez determinem o rumo que nosso futuro e o de nossa família tomará. Esses momentos, de grande angústia, tiram-nos o sono enquanto nos perguntamos qual o melhor caminho a trilhar. Somos viajantes de uma estrada sem sinais que indiquem a direção certa. A dúvida é terrível. Nas relações amorosas e no casamento nos deparamos muitas vezes com escolhas difíceis. Precisamos consultar nosso juiz interno e decidir o que é certo e o que é errado. O coração pede por um lado, mas a razão argumenta e torce pelo outro. Assim, instala-se um conflito que provoca ansiedade e angústia. Com frequência perguntam-me: "Devo me separar? Gosto de meu companheiro (ou minha companheira), mas tenho também vontade de ser livre. O que será melhor?" Outro dilema: "Tenho dois pretendentes um é bonito, charmoso; outro, mais sério e trabalhador. Um me trata com muito carinho, faz tudo o que eu quero, mas sinto mais atração pelo outro." As perguntas, no entanto, não podem ser respondidas por ninguém, exceto por quem as fez. Enquanto a pessoa não se decide, entra em angústia, perde o sono, tem um conflito ético, não sabe realmente o que fazer. Quando dúvidas tão fortes aparecem é até comum desencadearem reações físicas, como mal-estar, gripe, dores musculares, tonturas. São sintomas forçando-nos a resolver, não aguentamos ficar muito tempo na corda bamba. Conversar com amigos ajuda. Consultar um profissional, também. Mas ninguém vai decidir por nós. O grande problema relacionado a tomar uma decisão está em que, quando escolhemos, sempre perdemos alguma coisa. Por isso, depois de dado o passo, sofremos e ficamos de luto pela perda — de algo que não era totalmente ruim ou, mesmo que o fosse, causa-nos culpa. Afinal, e dependendo da situação, infligimos sofrimento. Essa é a razão pela qual, em alguns casamentos, um dos dois leva a tensão a um limite insuportável. Espera que o outro decida por ele. E dá uma certa ajuda: "sem querer" esquece um endereço, uma foto comprometedoras, uma conta, ou tem comportamentos que sabe serem insuportáveis para o outro. Ou, quando a tensão fica excessiva, mas conscientemente se evita brigar, o inconsciente trai e um dos dois

faz ou fala o que não deveria. Assim consegue conduzi-lo à iniciativa que deveria ser sua. Existem situações em que qualquer escolha significa grande sacrifício, perda sofrida. Por mais que a razão demonstre o que é certo, não conseguimos decidir. O melhor, então, é esperar, procurando o equilíbrio interno, e só escolher após encontrá-lo. Gostaríamos de manter os dois caminhos. A liberdade e a relação, cônjuge e amante. Muitas pessoas tentam e durante algum tempo se equilibram entre os dois polos, embarcando no princípio do prazer: tudo é permitido, o que importa é ser feliz. Temos, no entanto, responsabilidades e deveres para com os outros. Muitos casamentos terminam porque um dos parceiros diz que quer se encontrar, sente-se sufocado. Esquece que os dois envolvidos devem decidir juntos, e que ninguém é responsável pela frustração de seus sonhos. Não raro, depois da separação, percebe que não se encontrou, não era o outro. Na análise, os sonhos e outras manifestações do inconsciente ajudam a clarear o caminho. Nada trará uma resposta, mas o nosso lado sábio interior pode nos avisar, por meio de metáforas, se a escolha é fruto de neurose ou é o caminho para nossa individuação — o processo de tornar-se único, de se desenvolver como ser autêntico, integral. O mais importante, quando tomamos uma decisão, é ter consciência: qualquer que ela seja vamos perder. Mas, sem perdas, não há mudanças nem crescimento.

Esse artigo é o campeão. Pergunto-me por que esse artigo é o mais lido. Porque existe um dilema entre a amizade e a paixão. As pessoas estão com muita dificuldade de tomar decisões. E isso acontece cada vez mais porque enfrentar a perda é muito duro. Como hoje em dia estamos num mundo em que existe muito egoísmo, as pessoas pensam sempre que “o que importa é ser feliz”. Não é bem assim. Ficam na dúvida se fazem a troca e acabam trocando porque qualquer coisa que aparece parece ser melhor. Consertar dá trabalho, porque não comprar um novo? Pode ser uma geladeira, uma TV ou o amor. Falta muita maturidade para as pessoas decidirem, muita responsabilidade, mas a angústia é muito grande. É uma angustia terrível e a pessoa fica mesmo muito abalada quando tem que tomar uma decisão dessa natureza, uma decisão que vai mudar totalmente a sua vida. Tem dois caminhos. Como vai escolher com quem ficar? É muito difícil! Então, pareceu-me interessante trazer esse artigo, muito acessado todos os dias. Hoje, por exemplo, foram 28 acessos. Todo mundo está passando por isso.

Passo a mostrar agora algumas cartas relacionadas à indecisão.

- “Estou casada há 15 anos e meu marido é um grande amigo, mas me envolvi com um colega e aconteceu uma grande paixão. Ele quer ficar comigo, quer que eu me separe.”

- “Tenho uma namorada e uma amante. Achava que amava minha namorada, mas é amizade. Somos grandes amigos. Pela amante tenho uma grande paixão e desejo. Quero casar, mas qual vou escolher?”
- “Estou casado há 20 anos. Minha mulher e eu somos amigos, mas não há mais desejo entre nós. Tenho um caso há dois anos e estou ficando louco porque não consigo decidir. Se fico com uma, quero a outra, e se fico com a outra, quero a primeira.”

Assim, temos essa escolha entre amor e amizade, a dificuldade de tomar decisões. Percebo que os homens não sentem tanta culpa quando traem. São as mulheres que ficam com mais culpa. Os homens conseguem esse equilíbrio. Ficam com as duas e pronto! Não todos, contudo. Mas não são todos. Há aqueles que escrevem muito abalados com o fato de traírem. Quando a pessoa não se apaixona e consegue viver a sexualidade sem se apaixonar, não fica com culpa. Mas a mulher, quando trai, geralmente se apaixona, já acha que está apaixonada, que é uma maravilha e fica com muita culpa. O homem parece que sente menos culpa.

A imaturidade, a indecisão e os conflitos mais comuns são esses: narcisismo, egoísmo, ciúmes, dúvidas... E as pessoas se perguntam: “Será que eu vou ser fiel a mim ou ao meu companheiro?”

Esta carta veio de Angola: “Tenho o que mais quero na minha vida. Tenho meus filhos todos os dias comigo, mas acho que não amo mais a mãe deles. Quero terminar essa relação e viver um amor com minha namorada porque com ela me sinto mais realizado e à vontade.”

Outra: “Sou independente financeiramente, desde a adolescência, muito decidida. Hoje me encontro diante de uma bifurcação e sem capacidade alguma de dar um passo em qualquer uma das direções, não por medo do que irei encontrar, mas por indecisão. Não sei se será lindo ou não a passagem para minha nova trajetória, mas a beleza não me importa.”

Mais uma: “Está acontecendo comigo o sofrimento da dúvida entre dois homens bons, carinhosos e honestos. Ainda estou doente por conta dessa dúvida que me atormenta todo o tempo. Fui casada e tive um filho com meu primeiro homem. Logo nos separamos e hoje estou com outra pessoa. Amei o seu texto! Estou escrevendo porque não sei o que fazer neste momento. Às vezes penso até em morrer, pois vivo em uma indecisão horrível. Então resolvi pesquisar na internet e encontrei o seu texto. Eu pensava que era só eu que passa por isso, mas estou vendo que não sou só eu.”

Aqui aparecem as Afrodites, as deusas todas. E os mesmos conflitos que aconteciam na Grécia. A mesma angústia, a mesma dor, as traições, as mentiras. Pensei que a traição seria o artigo que as pessoas iriam mais ler, mas não é traição, é a indecisão.

Gostaria de comentar também que, no meu blog, as pessoas começam a conversar entre si. Quando alguém me envia uma carta, publico no meu blog. Então os leitores começaram a escrever entre eles, um escrevia para o outro.

Por exemplo: “Acho uma palhaçada sem tamanho você ficar se enrolando entre um e outro. Fui enrolado cinco anos sem saber e, quando descobri, ela pulou dos meus braços para os do outro na mesma hora. Quem ama não faz isso.”

Outro escreveu: “Pare de escrever. A mulher não é Deus. Ela pode até dar uma opinião, mas a decisão é sua. Mas eu sei por que vocês ficam perguntando. Já sei por quê. É só para, depois, se der errado, culpar outra pessoa. Faça-me um favor, esse blog aqui parece um jardim de infância, vence o que é melhor e, pelo que vi aqui, nada está bom: um gosta de um porque é carinhoso, mas não tem tesão; o outro está feliz mas não tem isso e aquilo. Ninguém é perfeito. É impossível! Não existe o príncipe que você deseja. Quer saber o que fazer? Veja o que necessita, coloque na balança o que é mais importante e decida. Ou faça assim: espere a vida decidir por você. Será bem doloroso.”

Mais uma: “Eu gosto do meu marido, mas tenho um amante que é uma maravilha. O que eu faço? Os dois querem exclusividade.”

E respondo todas as cartas, por exemplo, usando bom humor: “Escute, você tem dois e está reclamando? Escolhe um e deixa um para outra. Já está difícil arranjar namorado e você fica com dois?”.

Assim, apesar das mudanças dos costumes, dos jovens se separarem com maior facilidade, e mesmo a gente achando que é muito fácil para um jovem se separar, não é fácil para eles acabarem com um casamento. É difícil. A angústia é tão grande! A traição é inerente ao ser humano e independe dos costumes. E a culpa e a angústia quando se deve tomar uma decisão também continuam, apesar da maior facilidade para se separar. Parece que a pessoa deseja escolher certo, não quer perder nada e tenta saber o futuro. Essa pesquisa está mostrando um retrato dos problemas amorosos de hoje que, ao que parece, são os mesmos de sempre.

A revista pede para escrevermos para as pessoas, para ajudá-las. E acho que podemos ajudar. No meu blog, elas falam de seus problemas. Não vão ao analista, mas falam de seus problemas. Fizeram até um grupo. Acho que atingimos os objetivos da Revista, que é ajudar os casais.

Contudo, não sei por que esse artigo foi o mais lido, mas foi. As pessoas fazem perguntas para as quais não há respostas. São perguntas eternas e toda escolha envolve sofrimento. Mas, quando a pessoa manda uma pergunta, o que ela está perguntando de verdade é: quem sou eu? para onde vou? qual o sentido da vida? É isso que elas querem saber. Não é quem elas vão escolher. Acho que é uma pergunta mais profunda do que isso. Quero escolher e decidir minha

vida e a pessoa certa para ser meu par e, assim, não sentir a angústia da incerteza e da incompletude. Assim, de acordo com Hillman, a grande tarefa da vida não é vencer a morte, mas encontrar Eros, é encontrar o amor. E é isso que todos querem encontrar.

EROS, PODER, LIBERDADE E ÉTICA

Profa. Maria Helena Mandacarú Guerra

Prof. Durval Faria: A Profa. Maria Helena é psicóloga, psicoterapeuta junguiana; mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP; professora no curso de especialização em Psicologia Analítica e Abordagem Corporal, no Instituto Sedes Sapientiae; Editora da revista Jung & Corpo; Autora de *O Livro Vermelho: o drama de amor de C. G. Jung*. Temos o prazer de recebê-la aqui hoje.

Maria Helena Mandacarú Guerra: O objetivo desta minha exposição será estabelecer uma conexão entre as funções estruturantes de Eros, do poder, da liberdade e da ética, com referencia especial à conjugalidade.

Possivelmente, como a maioria de vocês, vejo que o amor ocupa um lugar de destaque na vida das pessoas. Ele é o responsável por grande parte dos dramas e sofrimentos humanos, bem como por vivências de bem-estar, plenitude e bem-aventurança. O amor é componente fundamental para a estruturação da personalidade e para o seu desenvolvimento. E, realizado ou frustrado, irá nos acompanhar por toda a vida. Eros, diz Jung, “não é a totalidade de nossa natureza interior, embora seja, pelo menos, um de seus aspectos essenciais,” (Jung, 1953, par. 33)

Foi a partir do meu interesse pelos aspectos criativos e sombrios do amor que busquei fazer algumas amplificações e verificar a relação estabelecida entre esse sentimento e a liberdade, o poder e a ética. Para isso, escolhi abordar três mitos que falam sobre o amor. Um veio da Grécia, outro, da Índia e o terceiro nasceu no Oriente Médio e se espalhou por todo o Ocidente. Falarei também da relação entre amor, poder, liberdade e ética a partir de uma história individual.

Começarei pelo mito de Afrodite. Considerada deusa do Amor, Afrodite teve seu aparecimento ligado intimamente à relação pai e filho. No caso, uma relação disfuncional, na qual o pai, Urano, assumiu total poder e controle sobre a vida dos filhos, condenando-os sistematicamente a voltar para dentro da Terra Mãe, Geia, de onde haviam saído. Esse comportamento filicida desencadeou um ato de imensa violência perpetrado por seu filho caçula, Cronos. Sendo essa a maneira de libertar a si e a seus irmãos, Cronos castra o pai,

tirando-lhe a fertilidade e o poder de mando. No entanto, o sangue de Urano conservou ainda o poder gerador. Parte desse sangue cai no mar e, da espuma, surge Afrodite. Do sangue vertido sobre a terra, originaram-se as Fúrias.

Esse breve esboço nos traz símbolos que me parecem muito importantes. O primeiro é o tipo de casamento vivido por Urano e Geia. Temos nesse casal um exemplo de relacionamento conjugal hierárquico, típico do padrão patriarcal de consciência. Urano representa a força ativa, poderosa, fecundadora e penetradora, enquanto Geia é o princípio receptivo, passivo, fertilizado e submetido. Embora ambos sejam expressões de arquétipos presentes tanto na psique do homem como na da mulher, culturalmente muitas relações conjugais se pautaram – e ainda se pautam – pelo domínio e, até mesmo, pela tirania e violência, por parte do homem, e pela resignação, conformismo e masoquismo, por parte da mulher.

Quando vivido dentro da conjugalidade, o amor tem a possibilidade de ser exercido entre duas pessoas que, em tese, se relacionam de igual para igual. A relação conjugal é – ou pelo menos deveria ser – uma relação amorosa simétrica, não hierárquica, tendo ambos os cônjuges direitos iguais de serem diferentes.

No entanto, isso nem sempre acontece. Embora o amor, em sua dimensão criativa, inspire poetas, preencha muitas vidas e ocupe o centro de diversas religiões, pode também levar à busca de controle e de aprisionamento do ser amado. É como se o amor desse à pessoa o direito de dominar, de abusar do poder, de exigir obediência. Essa expressão sombria do amor parece desconhecer, ou ao menos desconsiderar, a liberdade do outro e, em última instância, a daquele que ama.

Cronos, ao castrar Urano, reproduz o mesmo padrão de consciência de seu pai, expresso defensivamente pela violência com que impõe a sua força. Nisso não difere de Urano – e, de fato, Cronos fará com seus filhos o mesmo que seu pai. Há, porém, algo de novo. Do pai castrado, ferido, de sua dor e do seu sangue, nasce o amor na forma de uma deusa. O amor surge, portanto, com a dor, a ruptura, mas, especialmente, com a busca de liberdade.

O nascimento de Afrodite decorre, em última análise, do fato de Cronos buscar se livrar, e a seus irmãos, da arbitrariedade do pai e do filicídio que Urano cometia ao tentar perpetuar a relação puramente instintiva e dominadora que possuía com sua esposa, Geia. Afrodite surge, portanto, como fruto do ato libertário de Cronos.

O símbolo de Afrodite nos permite, também, estabelecer uma correlação entre amor e liberdade, se lembrarmos que Urano era o deus do Céu. Como o céu, o amor nos dá a visão do incomensurável. Ao olharmos para o céu quando vivemos um grande amor, alcançamos emocionalmente as estrelas. O céu e o amor despertam nossa fantasia, intuição, imaginação e abstração infinita. Por sua distância, o céu foi também associado à morada dos deuses, à outra

vida, ao mundo do além, à espiritualidade. De fato, quando somos tocados pelo amor, o mundo inteiro se transforma e se amplia. O céu e as estrelas acompanham os amantes, enlevando-os e deixando-os, muitas vezes, “com a cabeça nas nuvens”, o que nos lembra que a espuma é considerada a “nuvem do mar”.

O mar, outro elemento presente no nascimento de Afrodite, representa as grandes águas em movimento. Por ser capaz de dissolver, misturar, envolver, submergir, a água associa-se às emoções do amor, o qual pode provocar o perder-se no outro, a sensação de fusão, de aniquilamento, de mistura, mas também de empatia, de capacidade de sentir com o outro e de ter compaixão.

Representando o ar na água, a espuma é ainda mais difícil de ser retida do que a água. A espuma surge do movimento da água do mar: quando a onda alcança o seu auge e se quebra, o movimento começa a diminuir e o mar a se tranquilizar, aí surge a espuma. Como a espuma, o amor não aparece na estagnação nem pode ser aprisionado. Surge com o poder do movimento, da ousadia, da transformação e, por isso, em sua expressão criativa, é mais uma vez associado à liberdade e à vida espiritual.

Esse amor associado à liberdade e à espiritualidade é encontrado também no mito de Radha, o segundo mito que quero apresentar. Radha é a pastora mítica que, nas florestas de Vrindavan e nas margens do rio Jamuna, participava dos jogos de amor de Krishna. Símbolo pertencente a uma cultura na qual as mulheres existem socialmente em função de seu vínculo com os homens, ou seja, como filhas, esposas ou mães, Radha é a expressão máxima do amor, por ser capaz de transgredir todas as regras e ultrapassar barreiras morais e sociais convencionais, deixando em segundo plano todos os costumes, afazeres e deveres para se dedicar a amar Krishna. Essa pastora, que por sua relação com o deus é também divinizada, não apresenta mitologicamente características da Grande Mãe, nem é tida como uma deusa terrível ou uma deusa da vegetação, nem associada à morte ou ao renascimento. Tampouco auxilia a vencer obstáculos, propicia saúde ou traz qualquer tipo de bem-estar. Não possui nenhum atributo que não seja associado à sua capacidade de amar, de viver um amor conjugal extático, de devoção, que a impele a colocar o amor pela transcendência acima de tudo. Seu símbolo nos mostra um amor que não se deixa aprisionar por nenhuma regra ou tradição:

Radha é completamente livre e sua única função é amar Krishna devotada e plenamente. Por isso, em sua expressão mais transcendente, sagrada e profundamente humana, Radha é retratada como amante de Krishna, tendo com ele um relacionamento íntimo, direto, aberto, não hierárquico, e sendo amada por ele da mesma maneira. A liberdade que ambos possuem para amar e ser amado reflete-se em seus jogos amorosos, em suas brincadeiras e danças. O Krishna pastor não tem nenhuma missão, nenhum dever que não seja amar e ser amado, ser

livre, alegre e espontâneo. A angústia gerada pelos momentos de separação, pelos desentendimentos, brigas e ciúmes só faz aumentar ainda mais o amor e o desejo que sentem um pelo outro.

De todos os amores dedicados a Krishna, aquele considerado mais sublime e sagrado é o amor que Radha tem por ele. Há alguns séculos, teólogos hindus discutiram para saber se Radha era solteira ou casada. Venceram aqueles que a consideravam esposa de outro. Assim, seu amor por Krishna seria maior, pois ela teria que transgredir todas as barreiras e se arriscar mesmo a ser proscrita socialmente para se transformar em sua amante. Ao fazê-lo, foi livre para colocar o amor pela transcendência acima de tudo.

O terceiro mito – esse mais próximo de nós – é o mito de Cristo, que introduz no Ocidente a possibilidade de se aproximar de Deus através do amor. O deus do Antigo Testamento, deus patriarcal conhecido por seu poder e capacidade de punir e infligir medo à humanidade, dá lugar a um deus de alteridade, e o caminho para se chegar a Ele é o caminho do amor, da verdade e da compaixão (Byington, 1983). É Cristo quem ensina a dar a outra face, a amar o próximo como a si mesmo, ensinamento tão antigo, tão conhecido e tão difícil de ser posto em prática e que, por isso, exige exercício constante dentro da alteridade.

Com Cristo, o amor de alteridade se estende para a vida, para o outro em seu sentido mais amplo, abarcando o diferente, o pobre, o doente, o desvalido, a prostituta, o pequeno, o excluído, as crianças, a natureza e os animais. É a proposta de um amor pleno de compaixão, que inclui os marginalizados, os banidos, os sofredores, tão bem expresso no Sermão da Montanha. É um amor que ultrapassa convenções, formalidades, hierarquias, almejando a grande libertação, que é o nascimento para uma nova consciência, capaz de morrer e renascer a cada dia. Temos na Teologia da Libertação um exemplo desse amor libertário.

Já mencionei o fato de que, nos três mitos que abordamos, o amor está associado à liberdade. Foi o desejo de libertar a si e a seus irmãos que fez com que Cronos castrasse Urano e daí surgisse Afrodite. Radha, por sua vez, exerce plenamente sua liberdade ao transgredir as regras sociais convencionais e se entregar totalmente ao amor pela divindade. Cristo se insurge contra a moral coletiva, simbolizando o amor libertário, capaz de, por meio do sacrifício e da compaixão, viver e ultrapassar até mesmo a morte, para libertar a humanidade e conduzi-la a um novo padrão de consciência.

Outra função estruturante que aparece nesses mitos, ao lado do amor, é o poder. Quando falamos sobre amor e poder, nós, junguianos, logo pensamos em Jung quando ele escreve: “onde o amor reina, não há desejo de poder; e onde o desejo de poder é predominante, falta o amor. Um é a sombra do outro (...)” (Jung, 1953, par. 78). Essa frase, no entanto, estabelece uma relação de exclusão entre poder e amor. Embora essa afirmação, a meu ver, só se aplique

a situações em que o poder é usado defensivamente para cercear e oprimir, a colocação de Jung e o número de vezes em que é citada e referendada fazem parecer que ela possui uma validade universal. Mas nem sempre é assim, pois no caso de ser exercido com amor, o poder pode se expressar criativamente por meio do cuidado e da proteção, por exemplo. Eros e poder possuem características que os fazem diferir bastante e que, talvez por isso, transmitam a impressão errônea de que eles sempre se excluem. Eros é um elemento de ligação. O amor busca a união, a proximidade, a intimidade. O poder, por outro lado, para que possa ser exercido, precisa criar um distanciamento, uma diferenciação e uma hierarquia.

Para estabelecermos uma relação entre Eros e poder é fundamental considerarmos em que padrão de consciência dominante eles estão sendo vividos. Em situações nas quais a hierarquia deve prevalecer, como entre pais e filhos, ou no caso de profissões, em que a relação de comandante e comandado é imprescindível, a preponderância do poder está implícita. Trata-se de relações nas quais, comumente, predomina o arquétipo patriarcal. Para que o poder seja exercido, é preciso que haja um domínio de um polo sobre o outro, e, por isso, ele é mais facilmente identificado no padrão patriarcal, no qual os polos se encontram em oposição.

No entanto, no caso de um uso criativo do poder, esse está conjugado ao amor e é empregado para proteger e zelar, guiar, organizar, colocar limites, decidir ou liderar. É a função do comandante ou do líder que tem poder para conduzir e o faz amorosamente, cuidando de seus subordinados. Quando Eros se ausenta, o uso do poder passa a ser defensivo e exercido dissociadamente, podendo se revelar pela tirania, crueldade, desumanidade, frieza e sadismo. Em um relacionamento amoroso de dominância de alteridade, em que as relações se dão majoritariamente de forma simétrica, fraterna, dialética e não hierárquica, o poder é exercido ao lado do amor e se manifesta como autoafirmação, busca da verdade e da justiça e, até mesmo, como transgressão. O poder é, então, experimentado junto com o outro e não contra ele. Ao invés de antagonismo, cooperação; em lugar de “eu”, “nós”.

No amor de alteridade, ilustrado pelos mitos de Krishna e Radha e pelo mito de Cristo, a liberdade vem acompanhada do poder que permite ser fiel a si mesmo e, por meio dele, a abertura para o amor. Assim, podemos dizer que, na alteridade, o amor coexiste com o poder para afirmar a liberdade. Se, no entanto, a liberdade for vivida defensivamente, poderá dar lugar à promiscuidade ou, se houver ausência de liberdade, com cerceamento, controle ou aprisionamento, a relação já não estará dentro da alteridade, mas terá, por exemplo, se patriarcalizado defensivamente pelo abuso de poder ou, então, se matriarcalizado defensivamente pela possessividade, ciúme e controle. Se o amor pelo outro nos dá a liberdade de nos aprofundarmos em nós mesmos, a sombra do amor aprisiona e limita.

Quando o poder busca cercear a liberdade, esta pode se transformar em rebeldia e o amor, em ódio. É o que ocorreu entre Urano e Cronos. E, por isso, o amor só pôde surgir quando o poder defensivo foi restringido pelo anseio de liberdade.

A liberdade, porém, também pode ser vivida de maneira sombria quando há falta de limite. Na alteridade temos, então, a inclusão natural da função da ética, pois é ela que articula a relação entre liberdade, poder e amor. A ética é responsável pelo julgamento de valor e, quando funciona criativamente dentro da alteridade, é ela que permite “amar ao próximo como a si mesmo” e atribuir direitos iguais para expressar as diferenças. Sem a ética de alteridade, o respeito e o amor ao outro não são professados junto com o respeito e o amor por si próprio. Sem ela, é fácil haver abuso de poder.

É na alteridade que a ética encontra seu desenvolvimento pleno, pois deixa de operar apenas em função dos costumes – como no padrão matriarcal – ou de regras e normas externas, conforme a moral coletiva – como no padrão patriarcal – e passa a ser fundamentada naquilo que a pessoa sente que vai ao encontro de seu crescimento. É à ética de alteridade que Neumann (1991) se refere ao falar sobre a nova ética como a ética da individuação, pois essa envolve considerar bom aquilo que impulsiona o desenvolvimento e a ampliação da consciência. Ela é regida por valores que, por estarem fundamentados na essência do ser, possuem a força e a firmeza da verdade profunda. É inseparável da verdade interior, do respeito e da consideração por si e pelo outro, e da compaixão. Por isso, é capaz de levar ao sacrifício até mesmo o ego, em prol do Self, como Arquétipo Central, como vemos no mito de Cristo.

A ética de alteridade torna o indivíduo coerente com seus valores, ainda que isso possa significar transgredir os valores coletivos vigentes, como vimos no mito de Radha. Diz Neumann que “toda a personalidade ética fundadora é herética” (1991, p. 48), pois o chamado interior pode se dar contra a ética tradicional. Sob essa perspectiva, ética e liberdade se interpenetram, necessitando-se mutuamente para o seu pleno exercício criativo.

A presença da ética de alteridade, portanto, é fundamental para que o amor possa se afirmar e ser vivido livremente, e para que ele seja libertário, e não libertino. É esse o amor proposto por Cristo e vivido por Radha e Krishna. Um amor que conduz à maior liberdade possível: o poder de ser plenamente com o outro.

Tendo abordado até aqui algumas possibilidades de se pensar no amor em relação à liberdade, ao poder e à ética, quero trazer uma reflexão sobre essas funções estruturantes a partir de uma experiência amorosa retratada não nos mitos, mas na vida de uma pessoa, no caso, na vida de Jung.

A exposição que Jung fez de seu mundo interno, e à qual tivemos acesso a partir do lançamento de “O Livro Vermelho”, fez com que eu me perguntasse que experiências ele estaria vivendo para desencadear um material tão profundo e avassalador. Aquilo que foi registrado por Jung de próprio punho, em caligrafia gótica, no Livro Vermelho, teve início em outubro de 1913 e terminou em fevereiro de 1914, ou seja, teve a duração de quatro ou cinco meses apenas. Nesse período, Jung se separou de Freud, julgou estar à beira da esquizofrenia e teve uma visão que acreditou ser uma premonição da Primeira Guerra Mundial. No entanto, estudando minuciosamente o conteúdo do Livro Vermelho e buscando estabelecer uma conexão entre ele e os dados biográficos de Jung, concluí que o fator central daquele momento de sua vida – e, possivelmente, o elemento preponderante para desencadear suas vivências – foi o fato de ter se apaixonado por Toni Wolff sendo casado com Emma que, em outubro de 1913, estava grávida pela quinta vez (Guerra, 2011).

A presença de Eros ao longo de todo o Livro Vermelho é inegável. O amor aparece associado a Deus, à alma, é representado por Phanes, pelo amor de Salomé, é associado à cor vermelha e aparece até mesmo em Philemon, que era um amante. Nesse livro encontramos um Jung apaixonado, romântico, mas também atormentado pelo conflito e pela culpa. Vemos nessa obra, também, a formulação de Logos e Eros como uma polaridade introduzida por Jung em sua teoria.

A experiência de um amor bígamo de Jung nos leva a várias reflexões. Começamos pela questão do poder. No início do século XX, os casais raramente se separavam, para não dizer quase nunca. Jung, suíço, filho de pastor protestante, pertencia não apenas a uma sociedade puritana, mas a uma classe social privilegiada. Além de ser um médico já reconhecido internacionalmente, casou-se com Emma, que era herdeira da segunda maior fortuna da Suíça. Assim, em conformidade com o Espírito da Época – com o qual Jung se debate ao longo do Livro Vermelho –, de um casal desse nível esperava-se um casamento indissolúvel.

O poder exercido pela consciência coletiva não é pouca coisa e nem é facilmente ultrapassado. O drama vivido por Jung foi inegável, assim como deve ter sido extremamente difícil para Emma e para Toni enfrentarem tal situação.

Jung, sabemos, propôs em sua obra a existência do processo de individuação, o qual, no seu entender, tem início com uma crise moral. Foi assim sua experiência. E é essa crise moral que estimula o confronto entre os valores preestabelecidos pela sociedade e pela moral vigente e aqueles que pertencem à verdade profunda do indivíduo - no Livro Vermelho, essa polaridade é expressa pelo conflito entre o Espírito da Época e o Espírito das Profundezas. Esse último, chamado por Jung de alma, está presente em todo o seu processo, impulsionando-o e

dirigindo-o a buscar aquilo que é a sua verdade mais profunda, a realização de sua essência, o caminho da individuação por meio do amor.

Em meio a muito sofrimento e a angústias terríveis, a ponto de acreditar estar vivendo um episódio psicótico, Jung manteve-se livre para afirmar seu amor, ainda que esse tenha vindo de um modo tão extraordinário quanto não convencional.

Vemos, então, Jung exercendo o que Neumann denominou a “ética da individuação”. E talvez seja essa a grande explicação para o fato de Emma e Toni terem permanecido ao seu lado, em uma situação que, certamente, a elas impôs inúmeros desafios. Jung enfrentou eticamente o sofrimento imposto pelo seu amor. Não teve uma amante e a escondeu, como era, e é, o mais comum. Ele dizia que Toni não poderia ser considerada menos do que sua segunda esposa. E Emma afirmou que o marido não deixou de lhe dar nada em função de Toni, ao contrário: “quanto mais ele dava a ela, mais parecia ser capaz de me dar”(Hannah, 2003).

Ainda que o nosso olhar recaia sobre esse triângulo quase um século depois de seu início, essa experiência permanece extremamente inovadora em nossa tradição cultural. E, por isso, convém lembrar uma observação feita por Henderson, analista junguiano já falecido que conviveu com os três. Henderson (1982) afirmou que a relação entre eles só foi possível porque eram pessoas muito conscientes. Disse, ainda, que esse relacionamento não serve de modelo, pois esse nível de desenvolvimento é inacessível para a maioria.

Assim, a experiência de Jung e de suas duas esposas parece-me bastante ilustrativa de uma situação na qual conciliar amor, poder, liberdade e ética consistiu em um tremendo desafio e necessitou uma grande elaboração.

Referências Bibliográficas

Byington, C. A. B. (1983). Uma Teoria Mitológica da História. O Mito Cristão como o Principal Símbolo Estruturante do Padrão de Alteridade na Cultura Ocidental. **Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, n.1, p.120-177

Guerra, M. H. R. G. (2011) **O Livro Vermelho – O Drama de Amor de C. G. Jung**. São Paulo: Linear B.

Hannah, B. (2003). **Jung: Vida e Obra. Uma Memória Biográfica**. Porto Alegre: Artmed Editora, p. 127.

Henderson, J. L. “C. G. Jung, Emma Jung and Toni Wolff” in Jensen, F. (ed.) (1982). **C. G. Jung, Emma Jung and Toni Wolff – a Collection of Remembrances**. The Analytical Psychology Club of San Francisco, p. 32-33.

Jung, C. G. (1953). **The Psychology of the Unconscious**. CW 7. London: Routledge & Kegan Paul.

Neumann, E. (1991). **Psicologia Profunda e a Nova Ética**. São Paulo: Edições Paulinas.

EROS, TRANSCENDÊNCIA E RELIGIOSIDADE

Prof. Dr. Carlos A. Byington

Profa. Denise: Tenho a honra de dar as boas-vindas ao Prof. Dr. Carlos Byington, que certamente, dispensa apresentação. Todavia, como estou vendo alguns alunos do primeiro ano de psicologia, que estão começando agora o contato com a psicologia analítica, procurarei fazer uma breve exposição das inesgotáveis credenciais do Dr. Byington.

Dr. Carlos Byington é psiquiatra, analista junguiano pelo Instituto C. G. Jung em Zurique; membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica; criador da Psicologia Simbólica Junguiana, do conceito de “arquétipo de alteridade” e da Teoria Arquetípica da História. Suas publicações incluem mais de cinquenta artigos e livros, alguns com tradução em espanhol e inglês. Dentre esses podemos citar "A construção amorosa do saber", "Inveja criativa", "Psicologia simbólica junguiana" e "A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação".

Dr. Carlos Byington falará hoje sobre Eros, transcendência e religiosidade.

Muito obrigada Byington, por sua presença. É uma honra tê-lo aqui, nós que somos suas alunas eternas, nosso mestre. Muito obrigada!

Dr. Carlos Byington: Denise querida, primeiro quero dizer a vocês que hoje vou apresentar um resumo do meu quinto livro que espero publicar agora em março, no meu aniversário de oitenta anos. Esse livro é o resumo de uma obra de cinquenta anos. Quando fui para Zurique, eu era psicanalista e lá encontrei a Psicologia Analítica com a Profa. von Franz. Dos meus estudos da Psicologia Analítica, e da Psicanálise, surgiu um grande desafio: como reunir a formação do Ego, desde o início e no decorrer da vida coordenada por arquétipos, com o processo de individuação, como Jung o descreveu, na segunda metade da vida? Foi a esse desafio que me dediquei nesses cinquenta anos, baseado também na ontologia de Heidegger e nas neurociências.

Quero agradecer esse convite de Denise, Liliana, Durval e Ceres e parabenizá-los por essa dedicação de tantos anos ao ensino da Psicologia Analítica aqui na PUC. Agradeço, também, à Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, onde desenvolvi toda a minha obra e, agora, ao Instituto Sedes Sapientae, onde ministro um curso sobre a minha teoria há quatro anos. Isso tudo forma a síntese que apresento agora a vocês.

Quando cheguei a Zurique e me dispus a elaborar essa vivência dentro do processo de individuação, deparei-me com sete grandes tarefas. Estudando alquimia, conheci o desafio do alquimista e, por analogia, pensei: "Fiz uma longa viagem e agora, estou diante da montanha

dos sete patamares." Esses patamares são metáforas para os sete pontos de estrangulamento da psicologia. Tentei transpô-los por meio da Psicologia Simbólica Junguiana que agora apresento a vocês.

Primeiramente, porém, gostaria que fizéssemos um mantra dentro da vivência de transcendência do Arquétipo Central do Self. Essa transcendência, que considero a essência da obra de Jung, muito me inspirou. Foi quando senti essa vivência, que minha Anima apontou para Zurique. Seis meses depois, eu estava lá. Encontrei essa vivência, nesse mantra do Tibete. A gente, aqui no Brasil, passa na rua e ouve as músicas populares que são cantadas. Na Bahia, por exemplo, temos os axés. No Tibete, tem esse mantra, que vem dos monastérios e relata a maravilha que emana do lótus que, como sabemos, é a projeção do Arquétipo Central do Self. A flor de lótus é a mandala central do Budismo Tibetano. Gostaria que vocês me acompanhassem nesse mantra três vezes, para termos uma abertura para essa transcendência, dentro da qual acompanharemos a metáfora dos sete patamares da alquimia. Tais patamares são os desafios que, por sincronicidade, cabem dentro das sete etapas arquetípicas da vida, por meio das quais descrevi o processo de individuação. Por favor, fechem os olhos e me acompanhem: *Om mani padme hum!* (3X) (Que maravilha é a flor de lótus!).

Essa é a vivência da Anima diante do Arquétipo Central. Por isso, Jung, no *Livro Vermelho*, de início, confundiu a Anima com Deus. Foi devido a esse êxtase que ele entrou na vivência como um todo. Uma vivência tão grande que o fez ultrapassar todos os seus valores e arriscar a sua reputação na vivência amorosa. Ele estava vivendo a Anima. Estava descobrindo a Anima. Só que foi tão forte a vivência, tão transcendente, que ele confundiu com o Arquétipo Central, do Self. Por isso pedi para fazermos o mantra, para termos essa emoção da transcendência, que é a Anima e o Animus. Essa vivência ocorre na segunda metade da vida, mas vamos iniciar pelo começo.

Jung conceituou o processo de individuação baseado nos arquétipos da segunda metade da vida e atribuiu a formação do Ego, no início da vida descrita na psicanálise, ao inconsciente pessoal, sem os arquétipos. Na década de 1950, Michael Fordham, em Londres, Jolande Jacobi, em Zurique, e Erich Neumann, em Israel, descreveram a formação arquetípica do Ego.

Seguindo Johan Jakob Bachofen, Erich Neumann (1949) adotou a precessão do dinamismo matriarcal sobre o patriarcal na mitologia e os descreveu evolutivamente dentro da dimensão arquetípica da história. Em obra publicada postumamente denominada "A criança", Neumann formulou a formação evolutiva do Ego pelos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal. Devido à sua morte precoce em 1960, aos 55 anos, Neumann não encadeou a formação

arquetípica do Ego pelos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, no início da vida, com os Arquétipos da Anima e do Animus descritos por Jung no processo de individuação, na segunda metade da vida. Tenho observado que muitos junguianos, seguindo Jung, reduzem todos os símbolos femininos na personalidade do homem à Anima e todos os símbolos masculinos na personalidade da mulher ao Animus e, com isso, reduzem muito o significado dos Arquétipos da Anima e do Animus, dentro do processo de individuação. Assim fazendo, eles não percebem o papel do feminino e do masculino dentro dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, que regem a primeira metade da vida e preparam a segunda, antes que a Anima e o Animus tenham sido constelados.

Outros pós-junguianos, como Hillman e Withmont, descreveram a Anima e o Animus presentes igualmente na personalidade do homem e da mulher, para reunir o masculino e o feminino arquetipicamente nas duas personalidades. Acho que essa medida confunde ainda mais o processo de individuação do homem e da mulher, além de não reunir simbólica e arquetipicamente a primeira e a segunda metade da vida. Hillmann não teve esse problema porque abandonou a teoria evolutiva de formação arquetípica do Ego. Por conseguinte, não considerou a problemática evolutiva entre os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal e sua relação com a Anima e com o Animus.

Diferentemente da Psicologia Arquetípica de Hillmann, criei a disciplina que denominei "Psicologia Simbólica Junguiana", para descrever a formação arquetípica do Ego do início ao fim da vida, dentro do processo de individuação, guiada pelos símbolos e coordenada por arquétipos. Dessa maneira, aproximei-me da Psicanálise e procurei enfatizar que a psique não pode existir sem o Ego. A relação do Ego com o Outro obedece a cinco posições arquetípicas diferentes, ou seja, o Ego muda o seu funcionamento, o seu relacionamento com os arquétipos de forma típica nas diferentes fases de elaboração da vida individual e cultural. O Ego está sempre conosco, só que em posições arquetípicas diferentes. São cinco inteligências diferentes durante a vida, o que confundiu muitos autores, e, sobretudo, aqueles que como muitos religiosos indianos acham que em um determinado momento o Ego deve desaparecer. Mas não, pois o Ego na segunda metade da vida expressa a Anima, o Animus e, finalmente, o Arquétipo da Totalidade. No final, o Ego se desapega cada vez mais do cotidiano e entra na condição contemplativa. Mas ele está sempre conosco, como expressão da consciência.

O ser humano não pode existir sem a consciência e sem o Ego. Só que eles variam durante a vida com os arquétipos que regem a sua formação. Então, para abarcarmos tudo isso propus algumas alterações na teoria da Psicologia Analítica, na Psicanálise e da psicologia tradicional, para formar um arcabouço teórico dentro do qual pudéssemos situar essa perspectiva simbólica e arquetípica, do começo ao fim da vida.

A primeira alteração foi a separação entre os conceitos de Self e de Arquétipo Central. Nesse sentido, o Self não é um arquétipo. O Self é o conceito da totalidade psíquica que engloba o Ego, os símbolos, os complexos, a persona e os arquétipos. O Arquétipo Central é, esse sim, o principal dos arquétipos, mas é virtual e coordena todo o processo de elaboração simbólica do início ao fim da vida.

O Ego e o Outro no Centro da Consciência

Por sua vez, o Ego é conceitualmente separado do não-Ego e a identidade dos dois se forma a partir da elaboração simbólica. A polaridade Ego-Outro ocupa o centro da consciência. Substituí o conceito de Neumann do eixo Ego-Self pelo conceito de “eixo-simbólico” que liga a polaridade Ego-Outro ao Arquétipo Central por meio dos símbolos. Essa deformação conceitual me pareceu necessária por que o conceito de eixo Ego-Self dá a impressão de o Ego existir fora do Self, o que é impossível.

Aqui apareceu o primeiro grande obstáculo, o primeiro patamar da montanha psicológica. O principal obstáculo com que me deparei para descrever a formação arquetípica do Ego desde o início da vida foi a redução do Arquétipo Matriarcal à mãe e ao feminino, o que afasta radicalmente e para sempre o pai da relação primária. Assim, mudei o conceito de que o Arquétipo Matriarcal é o Arquétipo da Grande Mãe, para concebê-lo como o **arquétipo da sensualidade**.

Inicialmente segui Neumann, que transformou a fase oral da psicanálise na expressão inicial do Arquétipo Matriarcal. No entanto, assumi uma postura teórica diferente da de Neumann quando percebi que **o Arquétipo Matriarcal não é só o Arquétipo da Grande Mãe e do feminino, porque engloba também, a intimidade sensual com o pai e o masculino**. Outro tanto se dá com o pai. Assim sendo, conceituei o Arquétipo Matriarcal como o arquétipo da sensualidade e o Arquétipo Patriarcal como o arquétipo da organização e que **ambos estão presentes na psique da mulher e do homem, da mãe e do pai e englobam o masculino e o feminino**.

A minha observação de casais jovens, que levam em conta a individuação do homem e da mulher, mostrou-me que **a díade criança-mãe vigente na psicologia tradicional é um engessamento redutivo, histórico, tradicional e não é estrutural**. O novo relacionamento conjugal inclui o pai junto com a mãe nas relações primárias do bebê.

Assim sendo, ao invés da díade criança-mãe da psicologia tradicional, ou criança-seio de Melanie Klein, ou da tríade edípica da Psicanálise, proponho a formação da identidade do Ego e do Outro pelo conceito do **Quatérnio Primário, formado pelo complexo materno, pelo**

complexo paterno, pelo vínculo entre eles e pelas reações da criança. No complexo materno temos as cuidadoras: a mãe, avós, tias, babás, a irmã mais velha, as bonecas, as figuras lendárias, populares e até mesmo as fadas, as bruxas e outras mães terríveis... **No complexo paterno** temos os cuidadores: o pai, avós, tios, padrinhos, irmãos mais velhos, figuras heroicas e ídolos históricos, populares e religiosos. Em terceiro lugar temos **o vínculo entre os pais**, que a criança percebe já de uma maneira pré-verbal. Ela sente se o vínculo é defensivo, se afasta ou aproxima o amor. Esse vínculo é importantíssimo.

Freud, quando conceituou o complexo de Édipo, não levou em consideração as atitudes dos pais e rotulou o bebê de perverso polimorfo, já no início da vida. Não levou em consideração a relação de Laio e Jocasta com o filho. A interpretação do mito não pode excluir a decisão e a tentativa dos pais assassinares o filho. O parricídio e o incesto de Édipo, no quatérnio primário, é inseparável do crime e da cumplicidade de seus pais o que caracteriza sua família como gravemente disfuncional, com defesas psicopáticas dos pais e psicótica do filho. Se formos às nossas origens, às nossas identificações primárias, vamos encontrar sempre o nosso complexo materno, o complexo paterno, o vínculo entre eles e as nossas reações formando o quatérnio estruturante da nossa identidade. As nossas reações na infância não são iguais à nossa identidade. Uma criança que, muitas vezes, é muito vital e agressiva, se é mal recebida e rejeitada, pode formar a identidade de uma criança submissa, muito pouco vital e alheia à vida. Não veio dela, veio do quatérnio primário que reúne sempre intimamente o pai e a mãe entre si e com ela. Então, a identidade se forma a partir do quatérnio primário. **Esse foi o primeiro patamar, no qual concebi o quatérnio primário.**

O estudo do quatérnio primário e a percepção da participação íntima do pai na relação primária, já é praticada hoje por jovens pais. Isso exige uma reformulação do Arquétipo Matriarcal para ser o arquétipo da sensualidade e do prazer e não o Arquétipo da Grande Mãe e do feminino. Ele está presente no homem e na mulher. E de onde veio a confirmação disso? Na terapia de casal, comecei a observar que muitos casais vinham porque a mulher dizia: "Doutor, sou gerente, executiva de uma grande firma. Chego em casa exausta e este pai, que o senhor está vendo, já chegou em casa às 17 h. Quando chego às 21 h, ele está deitado no meio da sala com as três crianças em cima da barriga. E como o senhor quer que eu eduque essas crianças?" Por isso, formulei que o Arquétipo Matriarcal está presente no homem e na mulher, de maneira diferente. Existe uma tipologia arquetípica que pode ser matriarcal dominante ou patriarcal dominante no homem e na mulher. E quando ela é matriarcal dominante na personalidade do homem, ou patriarcal dominante na personalidade da mulher, os papéis sociais ficam em desacordo e as pessoas vêm para terapia de casal com queixas: "Esse marido,

doutor... Primeiro, ganha um terço do que eu ganho. Segundo, não gosta de trabalhar” E ele responde: “Eu me apaixonei por uma gostosa, doutor, que agora virou um general!”

Por isso, proponho a reformulação do conceito de Arquétipo Matriarcal e o resgate da sua importância que existia nas culturas pré-históricas e no animismo, que o torna o arquétipo da sensualidade. É essa importância do Arquétipo Matriarcal que está hoje sendo resgatada para salvar o Planeta.

Então, se um homem tem uma característica matriarcal dominante, não se preocupa com o trabalho, não é um *workaholic* como ela e se ela é patriarcal dominante, só pensa nas obrigações, estamos diante de uma tipologia arquetípica. Ela às vezes acende a luz à noite e ele pergunta: "O que foi? O que foi?" E ela responde: "Espera, amor, tenho que anotar aqui, é uma reunião de gerência que haverá amanhã e estou preparando". Ele se queixa: "Mas o que é isso? Casei com um soldado, doutor! Ela só pensa em trabalho." Temos, nesse caso, a mulher patriarcal dominante que vemos nas mulheres que estão liderando muitas empresas e até mesmo governos, com autoridade e organização. E muitos homens são de dominância matriarcal. Gostam de dançar, de música, de decoração, adoram trocar fralda de criança. "Esse pai, que eu estou trazendo aqui, quando vai dar banho na criança, adora entrar junto com ela no chuveiro." Esse é um matriarcal dominante legítimo, que hoje se dedica à culinária, à decoração, ao balé, até mesmo à perfumaria e à moda!

Com o Arquétipo Patriarcal o mesmo se dá. Pode ser dominante no homem ou na mulher. Porque não é necessariamente o arquétipo somente do pai e do homem. **O Arquétipo Patriarcal é o arquétipo da ordem, da organização abstrata, do poder, da justiça e do mando.** O Arquétipo Matriarcal refere-se a Eros, à sensualidade, tanto no homem como na mulher. Ao conceber o Arquétipo Matriarcal como o arquétipo da sensualidade e o Patriarcal como o arquétipo da organização, ambos presentes no homem e na mulher e a tipologia arquetípica da dominância matriarcal ou patriarcal, **atingimos o segundo patamar.** Faltam cinco.

Vamos a eles, voltando outra vez à gestação.

Na primeira fase, intrauterina, temos o bebê e a coordenação de dominância matriarcal. É a fase na qual, cada vez mais a neurociência descobre características que já entram na formação da identidade. São questões que ainda não estão esclarecidas, mas que estão sendo cada vez mais estudadas.

Uma ocorrência extrauterina que contribui imensamente para a formação da identidade durante a gestação, é que o **Arquétipo da Criança atua na sociedade em volta, ou seja, no Self Familiar e no Self Cultural.** Na rua onde a pessoa mora, por exemplo, todos perguntam quando o bebê vai nascer. E todo mundo fala: "Mas ainda não nasceu? Na rua, na feira, no ônibus, no trabalho. E por quê? O Arquétipo da Criança mobiliza as pessoas e, junto

com isso, a família começa a escolher o nome e a opinar sobre como deve ou não deve ser educada a criança. Um número incontável de símbolos começa a esperar o bebê nascer prontos para integrar a sua identidade.

O Arquétipo Central, o Arquétipo Matriarcal, o Patriarcal e o Arquétipo da Criança são virtuais e necessitam de símbolos para coordenar a formação da identidade do Ego, pois **sem os símbolos, os arquétipos nada fazem**. Mas qual é a idade desses símbolos? Quantas gerações existem por trás deles? Tantas quantas formam a história da humanidade! Então, quando o bebê nasce e começa a desenvolver o Ego, ele se depara com a história da humanidade. Não é só o que ele herda geneticamente, é o que ele herda culturalmente, que é a idade dos tempos e cujos símbolos seu Arquétipo Central e seus Arquétipos Matriarcal e Patriarcal começam a dispor para começar a formar a sua identidade.

Na terceira fase da vida, dos dois aos doze anos, a predominância matriarcal diminui. A criança começa a controlar sua ingestão alimentar, surgem os dentes, a bipedestração, a marcha, o controle esfinteriano, a identidade sexual e a fala que começa a estruturar a linguagem, nomear os símbolos e conceituar a vida. Que arquétipo é esse? A partir daí, ativa-se o arquétipo do Logos, da organização racional, é o Arquétipo Patriarcal.

Esta é a **primeira metanóia**, na qual a dominância matriarcal cede lugar à interação do matriarcal com o patriarcal. Esse é o primeiro grande conflito da vida dentro da infância, dos dois aos doze anos, período em que essa vivência patriarcal começa a conviver com a sensualidade matriarcal: "isso se faz, isso não se faz"; "isso está certo, isso está errado". Está na hora desse Logos entrar em conflito com a sensualidade, porque, se deixar a criança dentro do matriarcal, ela brinca o dia inteiro – o adulto não aguenta ficar com uma criança brincando, o adulto já está estonteado e a criança está brincando. Ela vai brincar desde que acorda até cair dormindo. Ela quer adormecer brincando. Essa é a vida lúdica coordenada pelo Arquétipo Matriarcal. Mas, aí, vem o Arquétipo Patriarcal com os deveres, os horários, a persona e o superego, o politicamente correto para vestir, comer, brincar e dormir. E, assim, há um grande conflito. Surge aqui a necessidade dos pais exercerem o Arquétipo da Alteridade no quaternio primário, que engloba os Arquétipos da Anima e do Animus, e que é o arquétipo da relação dialética das polaridades, presente no amor e na democracia. Esse grande conflito precisa ser administrado pela capacidade dos pais para trazer o matriarcal junto com o patriarcal e impor a regra junto com o amor. Na Alteridade, os pais têm que ter essa capacidade de não mimar a criança porque o mimo é o vício do caráter. Mimar, superproteger é igual a envenenar e causar deturpação do caráter e a formação defeituosa da personalidade, uma Sombra terrível. **Não podem mimar, mas também não podem se omitir**. Têm que estar presentes, acompanhar, **trazer a regra com afeto, com carinho, com amor e sempre com**

acompanhamento. Este é o nosso terceiro patamar. Assim vamos até os 12 anos de idade e entramos na grande crise da adolescência, que é **o nosso quarto patamar.**

A adolescência é **a segunda metanóia**, na qual morre a infância e nasce a vida adulta; é uma fase importantíssima da vida arquetipicamente porque, com as gônadas, surge a ativação da Anima e do Animus. Essa ativação leva a criança para o mundo, para o Self cultural. E esse movimento em direção ao Self cultural colide tremendamente com o Self familiar e é, então, uma turbulência enorme na personalidade da criança que começa a vivência dos arquétipos da Anima e do Animus para passar a guiar os arquétipos parentais. A criança se debate, ela vai e volta, mas está se formando. Não está querendo **abandonar os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal como pode parecer, mas quer passar a vivê-los de forma ativa, ou seja, à sua moda, pois** eles são os arquétipos da base da vida, são a sensualidade e a lei.

Na infância, o matriarcal e o patriarcal são vividos na posição passiva pela criança enquanto os pais exercem o matriarcal e o patriarcal na posição ativa. A partir da adolescência, os jovens querem exercer os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na posição ativa e, por isso, batem de frente com os pais. É por isso que eu ensino: não queiram reprimir a criança na adolescência porque, se o fizerem, ela vai para a defesa psicopática com a desobediência, a transformação e a mentira. Você não pode vencer a vida, você não pode querer lutar com o jovem quando ele entra em rebeldia para ser adulto. Você tem que ouvir o adolescente e dialogar com ele, tem que entrar na alteridade, ouvir as polaridades, tem que ter a cabeça democrática para receber o jovem na adolescência. Esta crise aconteceu porque o jovem vai viver além de você. Ele é a geração futura, que começa a despontar. Por isso, o grande perigo. Agradeço a Deus que minhas filhas passaram pela adolescência depois da repressão militar, porque tenho certeza de que, se elas estivessem nessa fase, iriam se engajar na luta armada, porque os jovens entram em qualquer transformação social contra a repressão. Anima e Animus querem a transformação e, se capturam a mensagem da transformação social, entram no movimento heroicamente para o que der e vier.

Essa é a grande transformação da adolescência e, nessa transformação, temos que ver que esse é **o nosso quarto patamar e a segunda metanóia**. Essa mudança é um conflito enorme, mas não é para ultrapassar o matriarcal e o patriarcal. É para se apossar dele e dizer: "Pai, já ouvi o que você falou, mas agora eu acho o que eu acho tá? Quero sair com o cabelo comprido, quero sair com a orelha suja, e tem mais, quero voltar à hora que eu quiser e quero tomar todas." Então, o pai sofre. Essa é a polarização. Os pais queriam o quê? Que o filho repetisse o seu discurso, mas se ele assim fizer, ele ficaria engessado, não conseguiria ter personalidade própria. Mas os pais precisam ser firmes, precisam manter sua posição, não podem dar uma de tonto: "Ah! Você quer fumar uma maconhinha, vou fumar com você, por

que eu, na minha época eu fiz e aconteci..." Esse perdeu a autoridade paterna. Ele está competindo com o filho e se exibindo. Com isso, ele desmoraliza o patriarcal. Os pais precisam manter o patriarcal ativo para que os filhos polarizem com eles, mas tenham um exemplo de maturidade a seguir. Então o jovem entra no patriarcal e no matriarcal: "Quero andar sujo, não quero mais tomar banho, quero andar de calça rasgada, quero andar por aí com tatuagem, *piercing* e fumando maconha." E você tem que aguentar, mas ensinar: "Filho, você está querendo autoridade, então, sabe o quê? Você vai, agora, começar a cuidar de mim." O filho vai dizer: "O quê, pai? O que é isso? Que papo é esse? Para com isso!" O pai: " Vou ficar aqui, no sábado ou na sexta à noite, e você vai me telefonar da rua para me tranquilizar. Estou na idade do infarto agudo. O que você quer? Que eu fique aqui sem dormir à noite com o telefone da ambulância na cabeceira? Que de agora em diante é você que vai me tranquilizar." "Agora quero você virando meu paizinho também." Assim, o pai aguenta e permite um confronto, mas desafia os filhos a começar a exercer o matriarcal e o patriarcal na posição ativa. Se você não se deixar antagonizar, se quiser o patriarcal só para você, aí é guerra e eles vencem porque mentem, roubam e vão para a marginalidade, mas isso é muito destrutivo. É perigoso e difícil para os filhos confrontar o Sef Familiar e fazer sua polarização construtivamente, mas esse é o caminho da vida. **Este é o nosso quarto patamar e a segunda metanóia.**

Nosso quinto patamar é a psicopatologia, **o problema da ética e da Sombra, que aqui considero o mal.** Vejo a função ética na Psicologia em função do desenvolvimento, ou seja, dentro da atualização do potencial do Arquétipo Central. **Assim, o bem é a criatividade e a atualização e o mal é a fixação e deformação trazidas pelas defesas e a disfunção do desenvolvimento.**

Jung dizia que a Sombra é uma parte incompatível com a persona. Mas como ela se forma? De onde ela vem? Jung dizia : "O mal está dentro da imagem de Deus". E está mesmo! A imagem de Deus é uma projeção do Arquétipo Central que representa a totalidade e que, por isso, contém o Bem e o Mal. Mas como é que o Arquétipo Central passa o mal para o Ego durante o desenvolvimento? Freud disse: "Os símbolos mal elaborados formam a fixação, a fixação forma a defesa e a defesa é uma força inconsciente reprimida." No meu entender, ao dizer isso, Freud descobriu a formação da Sombra na neurose. **São as mesmas funções estruturantes que formam o Ego, a afetividade, a agressividade, até mesmo a traição, e a competição que, se fixadas e mal elaboradas, vão formar a Sombra.** Está aí a concepção da origem do mal, que Freud, depois, a meu ver, desperdiçou quando não elaborou seu Édipo e racionalizou: "Se eu tenho, todos têm. Todas as crianças nascem com o Complexo de Édipo que necessitam reprimir, sublimar para formar o superego." Nesse ponto de sua obra, Freud

usou a defesa para reprimir o desenvolvimento normal e, com isso, ratificou a educação superegógica repressiva e retirou da defesa o poder de separar conceitualmente o normal do patológico, que havia conseguido quando associou a defesa permanentemente com a fixação.

Para conceituar claramente a ética e o Mal na Psicologia, associei-os aos conceitos de fixação, de defesa, de complexo e de Sombra, como eles foram inicialmente concebidos. Assim, o conceito de Sombra na Psicologia abriga o conceito de Mal na ética e na filosofia, porque a Sombra é formada pela fixação de funções estruturantes normais (o Bem) que passam a ser expressas por sintomas de patologia (o Mal). A reunião de símbolos assim fixados e expressos na Sombra formam os complexos, inicialmente descritos por Jung para expressar o Inconsciente reprimido. **Este foi o quinto patamar e faltam dois** para cumprirmos nossa promessa de enfrentarmos sete pontos de estrangulamento dentro da Psicologia.

O sexto patamar que devemos enfrentar para desatar mais um ponto de estrangulamento na teoria psicológica é o casamento e a luta para manter os Arquétipos da Anima, do Animus e da Alteridade face à intensa dominância dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, agora na posição ativa, conseguida com a crise de adolescência e a separação da família original.

Para enfrentarem os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal dos pais na crise da adolescência e buscar sair da posição passiva e se apossar desses arquétipos na posição ativa, os jovens são incentivados, além do Arquétipo do Herói, pelos Arquétipos da Anima e do Animus muito catalizados pelo amadurecimento das gônadas.

Na cultura ocidental, geralmente são os Arquétipos da Anima, do Animus e da Alteridade que desencadeiam o namoro, a paixão e o casamento. No entanto, a formação da nova família, com o nascimento dos filhos, o esforço para cuidar da gravidez, da casa e para pagar o aluguel, o seguro saúde, o supermercado, a escolinha, a prestação do carro e da casa nova e tantas outras despesas ativam os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na posição ativa de maneira tão intensa que tende a consumir a energia dos Arquétipos da Anima e do Animus na vida conjugal.

Proponho a mudança dos conceitos dos Arquétipos da Anima e do Animus formulados por Jung para expressarem respectivamente o feminino no homem e o masculino na mulher, para representarem a busca da individualidade profunda e única das personalidades do homem e da mulher. Assim, não acho que a Anima e o Animus enfraquecem com o casamento somente por falta de espaço e tempo para o carinho e o amor, o que também acontece, mas sobretudo **pela falta de uma busca conjunta de um ideal que transcende o matriarcal e o patriarcal.**

Desta maneira, interpreto a metanoia de Jung e o seu romance com Sabina Spielrein e Toni Wolff dentro da crise conjugal com Emma, mais do que a exacerbação de sua Anima pelo fascínio do feminino. Vejo que essas duas mulheres eram tipo pensamento, eram muito criativas e, por isso, junto com a paixão sensual, trouxeram para Jung a conjunção (*coniunctio*) do masculino e do feminino reunindo as duas almas como companheiras no ideal da individuação. Isso era tudo o que ele não tinha com Emma, que era ótima mãe de família, mas muito pobre em criatividade psicológica, o que não faltava a Sabina e a Toni. Esse sexto ponto de estrangulamento é, então, a redução da Anima e do Animus respectivamente ao feminino e ao masculino e a sua nova conceituação como os arquétipos que buscam a individualidade profunda e é isso que, se faltar no casamento, dá origem ao adultério e ao fracasso da relação conjugal.

Finalmente, **o sétimo ponto de estrangulamento** que vamos desatar na teoria psicológica é a vivência da morte e a transcendência do corpo físico que situo dentro da **quarta metanoia**,

A prática da técnica expressiva da meditação, na última etapa da vida (dos 61 a ao final) permite vivenciar esta passagem. Como tenho descrito em várias publicações, esta técnica da meditação, sentado ou deitado no divã, leva ao esvaziamento da mente e à vivência da eternidade, do infinito e da paz. Nenhum acontecimento na vida, nem a riqueza, o amor, o nascimento dos filhos ou os prazeres quaisquer que sejam são capazes de trazer a vivência da paz. Unicamente o desapego e a vivência do despojamento de toda elaboração simbólica é capaz de encontrar a vivência do infinito, da eternidade e da paz e devolver ao ser humano a vida espiritual e a fé perdidas pelo materialismo consumista da civilização industrial.

Boa tarde a todos e, mais uma vez meu agradecimento ao convite das queridas Denise e Liliana para estar hoje junto com vocês e lhes falar da teoria da Psicologia Simbólica Junguiana.